

PATRÍCIA PAIVA CARVALHO

**BULLYING E SUBJETIVIDADE: ESTUDO PRELIMINAR
SOBRE O FENÔMENO BULLYING EM ESCOLA PÚBLICA DE
UBERABA-MG.**

**Uberaba – MG
2005**

Patrícia Paiva Carvalho

**BULLYING E SUBJETIVIDADE: ESTUDO PRELIMINAR SOBRE O
FENÔMENO BULLYING EM ESCOLA PÚBLICA DE UBERABA- MG.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos
requisitos para a obtenção do título de graduada em Psicologia
pelo Curso de Psicologia da Universidade de Uberaba.

Uberaba, MG, 28 de novembro de 2005

Banca examinadora

Dra. Luciana Nogueira Fioroni - Orientadora

Depto de Psicologia Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Rod. Washington Luís Km235 Caixa Postal 676

CEP: 13565-905 São Carlos SP

Fone: (16)33518388 R.8486

Ms. Ana Mafalda G. C. C. V. Azôr

R. Antônio Carlos 55 ap/701 Centro

CEP:38010-350 Uberaba MG

Fone: (34) 33334985

Dra. Marilei Silva

R. Elias Ferreira 690bl/b-ap/1001 Cidade Jardim

CEP:38030-040 Uberaba MG

Fone: (34)33222163

CARVALHO, Patrícia Paiva. **Bullying e Subjetividade: Estudo preliminar sobre o fenômeno bullying em escola pública de Uberaba- MG.** 2005. –p. 87. Monografia, Universidade de Uberaba, Uberaba, MG.

RESUMO

O bullying caracteriza-se como tipo específico de violência escolar. É uma palavra de origem anglo- saxônica, sem termo equivalente na língua portuguesa, que significa usar o poder ou força para intimidar, excluir, humilhar, perseguir os outros, violentar. Embora o termo seja recente, principalmente no Brasil, esta prática há muito tempo está disseminada no ambiente escolar. Este fenômeno explicita uma relação desigual de poder, reforçando os padrões de normatização, constituídos a partir da subjetividade social, ou seja, de um conjunto de crenças, valores, representações, construídos pelos Homens ao longo de sua história, que atravessa e se singulariza de forma única na subjetividade individual. O presente trabalho teve como objetivo investigar impacto do *bullying* sobre a subjetividade, considerando as relações interpessoais de alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública de Uberaba. Com base na Psicologia Sócio - Histórica, utilizou-se a metodologia qualitativa. A obtenção dos dados se deu através entrevistas semi-estruturadas realizadas com sete professores, que permitiram identificar quatro possíveis alunos alvos de bullying, que foram entrevistados posteriormente. A partir da análise e discussão dos dados foi possível perceber que os professores tem sido reprodutores de discursos ideológicos, contribuindo assim, para discriminação e estigmatização dos alunos. No entanto estes, apesar se reconhecerem em certos momentos discriminados na escola, apresentaram recursos para superação e enfrentamento desta situação. Mostrando na sua singularidade, formas diferenciadas de vivenciar o bullying. Nota-se que a possibilidade de aprofundar na compreensão do complexo desenvolvimento da subjetividade pode contribuir para elaboração de estratégias educativas potencialmente mais efetivas no trabalho com este fenômeno. Por último reitera-se a necessidade da Psicologia pensar em práticas de promoção de saúde no contexto escolar, buscando desenvolvimento de condições adequadas de vida, contribuindo para a abertura de espaços de discussão sobre tensões e conflitos das relações humanas, de modo a torná-las mais saudáveis.

Palavras-chave: Bullying. Subjetividade. Contexto escolar.



São Carlos, 29 de março de 2007.

Parecer do professor orientador recomendando o trabalho.

Indico para concorrer ao Prêmio Silvia Lane, o trabalho **BULLYING e subjetividade: estudo preliminar sobre o fenômeno bullying em escola pública de Uberaba-MG**, desenvolvido como monografia de conclusão de curso pela aluna Patrícia Paiva Carvalho, sob minha orientação.

Buscou-se investigar o impacto do *bullying* na constituição e desenvolvimento da subjetividade em possíveis adolescentes, alunos do Ensino Fundamental de escola pública de Uberaba, alvos de tal violência. A partir das concepções teóricas da Psicologia Sócio Histórica e do uso da metodologia qualitativa, e da análise de conteúdo de entrevistas semi-estruturadas. O fenômeno *bullying* é definido como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento dentro de uma relação desigual de poder, tais como insultos, intimidações, apelidos cruéis e constrangedores, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, podendo chegar a violência física, levando a possíveis danos físicos, psíquicos, morais e materiais.

Parte-se da perspectiva que o *bullying* se apóia em um conjunto de determinantes sociais, no qual, os Homens definiram determinadas características como positivas e outras como negativas, e aqueles que apresentam as chamadas características depreciativas, recebem uma marca, um estigma, estes sujeitos estão mais suscetíveis a serem alvos de agressões. Um dos elementos constitutivos deste fenômeno é tendência à homogeneização do sistema de produção capitalista, que se remete a uma visão liberal do Homem, que tem como elemento central a valorização do individualismo. Logo há uma tendência à padronização, que alimenta a dificuldade de lidar com a alteridade do outro, ou seja, com a singularidade humana.

O trabalho pauta-se pela perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, focando a questão da subjetividade relacionada intimamente e de maneira dialética com o biológico e o social, negando-se qualquer tipo de reducionismo. Esta concepção de subjetividade traz a

complexidade da constituição psicológica tanto a nível individual quanto social, superando a dicotomização da realidade em níveis subjetivos e objetivos.

O trabalho apontou relações conflitivas e ambivalentes, em que os professores não conseguem reconhecer a singularidade de cada aluno, e se o fazem é no sentido de reforçar as desigualdades e características depreciativas dos alunos e sua família. Os professores apontam os alunos e suas famílias como causa dos problemas escolares, enquanto que os alunos apontam nos próprios alunos a causa de seus conflitos na escola.

A escola tem funcionado como reprodutora de determinados padrões sociais. Os professores legitimam o *bullying* através do discurso ideológico, que permeia a subjetividade social, justificando o fenômeno a partir de atitudes estigmatizantes e deslocando suas causas para os próprios alunos alvos de tal agressão e suas famílias. Os alunos por sua vez, subjetivam-se através do sentido dado as relações que estabelecem com outro, nos diversos contextos em que se inserem. Neste espaço de discriminação, os mesmos podem acabar por introjetar os estigmas que lhes são dados, que inferiorizam suas características singulares.

Desta forma, entendemos que o trabalho tem uma relevância científica e social pois compreender as formas complexas e diversas que a situação de *bullying* pode participar na constituição da subjetividade, é essencial para o desenvolvimento de ações educativas potencialmente mais efetivas para o seu enfrentamento; além de apontar para uma importante área de atuação do psicólogo, ou seja, a promoção de saúde na escola, através da intervenção nos conflitos das relações humanas e institucionais, buscando promover a ressignificação das relações vividas como mantenedoras da exclusão.

Atenciosamente,

Luciana Nogueira Fioroni

Docente do Departamento de Psicologia da UFSCar

Observação: A Professora Luciana N. Fioroni se desligou da Universidade de Uberaba em 2006 e atualmente é docente no Departamento de Psicologia da UFSCar, o que não a impediu de indicar meu trabalho de conclusão de curso, que ela orientou em 2005 para o prêmio Silvia Lane.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	7
APRESENTAÇÃO.....	8
1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1. O bullying.....	11
1.2. O Homem para a Psicologia Sócio Histórica.....	15
1.3. Adolescência e identidade.....	19
1.4. O contexto escolar.....	23
1.5. Preconceito, exclusão social e violência.....	25
2 OBJETIVOS.....	28
2.1. Objetivo geral.....	28
2.2. Objetivo específico.....	28
3 MÉTODO.....	29
3.1. Sujeitos.....	30
3.2. Caracterização da escola.....	31
3.3. Procedimentos/ Instrumentos.....	31
3.4. Princípios Éticos.....	32
3.5. Estratégia para coleta de dados.....	32
3.6. Tratamento e Análise dos dados.....	33
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	35
4.1. Análise e discussão das entrevistas realizadas com professores.....	35
4.2. Análise e discussão das entrevistas realizadas com os alunos.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
6 REFERÊNCIAS.....	53
7 ANEXO.....	56

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01- Descrição dos dados pessoais dos professores entrevistados

QUADRO 02- Relação 1 entre as variáveis e suas respectivas descrições

QUADRO 03- Descrição dos dados pessoais dos alunos entrevistados

QUADRO 04- Relação 2 entre as variáveis e suas respectivas descrições

APRESENTAÇÃO

“- Oi Nick, Oi Mark, vão ao clube de computadores mais tarde?”

- Marcus nós não queremos mais que ande conosco.

- Por quê?

- Por causa deles.

- Eles não têm nada a ver comigo.

- Têm , sim.

- Não tínhamos problemas antes de andarmos com você. Agora temos todo dia.

- Além do mais, todos acham você esquisito.

- Mas é só um pouco.

- Tudo bem...”

Este diálogo está presente no filme “Um grande garoto” (About a boy : 2000), sinaliza que Marcus, encontrou no meio de seu caminho algumas pedras, obstáculos que a sociedade constrói, que podem impedir a plenitude de atos e sentimentos. Esta pedra específica se refere a um tipo de violência comum nas escolas, também conhecido como *bullying*. *Bullying* é uma palavra de origem anglo- saxônica, sem termo equivalente na língua portuguesa, significa usar o poder ou força para intimidar, excluir, implicar, humilhar, não dar atenção, fazer pouco caso, perseguir os outros e violentar. Embora o termo seja recente, principalmente no Brasil, esta prática há muito tempo está disseminada no ambiente escolar.

Segundo Lima (2004), o *bullying* é o nome dado para o comportamento agressivo de estudantes em ambiente escolar, que pode ser sob forma de agressão física ou como desprezo, julgamento, humilhação e segregação. Geralmente é um comportamento intencional, repetitivo e sem motivação, provocado por um ou mais estudantes contra outros e explicita uma relação desigual de poder, mesmo entre crianças mais novas. Muitos tipos de comportamento podem ser considerados *bullying*, desde ofensas e discriminação dentro do grupo até agressões gratuitas e roubos de dinheiro e pertences. Trata-se de um problema grave, que pode comprometer a saúde de quem o sofre. Ocorre em praticamente qualquer escola e na grande maioria dos casos não é percebido pelos pais e educadores, sendo que as vítimas na maioria das vezes não procuram ajuda, seja por medo ou por falta de conhecimento.

Vale ressaltar que o *bullying* não é fenômeno exclusivo da escola, apenas existem condições que favorecem que ocorra dentro da escola, mas antes de tudo, é um fenômeno social que acaba sendo visto inicialmente na escola que é o ambiente de socialização mais importante e primeiro que temos na nossa cultura, excetuando-se a família.

Ser apelidado e humilhado pelos colegas de escola, em detrimento de algum aspecto físico, do jeito de andar e falar ou da maneira de se comportar são dificuldades pelas quais qualquer criança está sujeita a enfrentar durante a vida escolar. Ou ainda, ver-se envolvida em discussões, entrar em luta corporal e até apanhar de algum colega, como também, regressar para casa com algum pertence danificado ou sem o mesmo. Isso tudo, dentro das relações interpessoais, é visto de forma normal, uma vez que competições, conflitos estão presentes no desenvolvimento humano. Entretanto, essas atitudes tendem a enveredar para a hostilidade sistemática e conduzir a criança ao isolamento, à exclusão do grupo e a estigmatização, o que pode redundar em traumas e intenso sofrimento psíquico. A ação do agressor ou de um grupo de agressores é exercida pela imposição muitas vezes sutil de autoridade, acabando sendo caracterizada como “brincadeiras” próprias da idade, o que torna difícil à identificação pelos professores ou pela própria escola. Ou ainda, pelos próprios pais, que muitas vezes não atentam para quaisquer mudanças no comportamento do filho, uma vez que impera a “lei do silêncio”. (FANTE, 2004).

O *bullying* começou a ser pesquisado na Europa, quando se descobriu que estava por trás de muitas tentativas de suicídio entre adolescentes. Sem receber a atenção da escola ou dos pais, que geralmente achavam as ofensas bobas demais para terem maiores conseqüências, o jovem recorria a tal medida desesperada. Atualmente, todas as escolas do Reino Unido já implantaram políticas *anti-bullying*.

No Brasil são poucos os estudos sobre *bullying*, apesar de suas implicações e relevância. Um dos de maior visibilidade, foi desenvolvido pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), no Rio de Janeiro.

O *bullying* motiva a sentimentos negativos, como baixa auto-estima, insegurança, medo, refletindo em prejuízo do desempenho escolar, podendo ainda ser fator de adoecimento. Daí a necessidade de se aprender a lidar com tal fenômeno, pois para se pensar no desenvolvimento de intervenções educativas potencialmente mais efetivas com relação ao *bullying*, buscando estratégias de enfrentamento desta situação e de promoção de relações

mais saudáveis no contexto escolar, é necessário investiga-lo, compreende-lo, para um trabalho de prevenção e promoção em saúde:

Promover saúde significa compreender e trabalhar como indivíduo a partir de suas relações sociais; significa trabalhar estas relações construindo uma compreensão sobre elas e sua transformação necessária. Promover saúde significa trabalhar para ampliar a consciência que o indivíduo possui sobre a realidade que o cerca, instrumentando-o para agir, no sentido de transformar e resolver todas as dificuldades que essa realidade lhe apresenta. (AGUIAR e BOCK, 1995, pg.12)

Em geral, os estudos sobre *bullying*, tem sido descritivos- quantitativos, buscando generalizações, muitas vezes alicerçadas em ideologias dominantes. Tornam-se necessários estudos que resgatem a singularidade dos sujeitos envolvidos em *bullying*, que busquem compreender a subjetividade. Vista neste trabalho segundo uma relação dialética entre sujeito e sociedade, expressão dos contextos sociais, historicamente situados. Construída a partir das relações sociais e da atribuição de sentido pelo sujeito as sua experiências, vividas em diferentes esferas como o trabalho, escola, família. Assim, contexto escolar, embora não seja o único, passa a ser visto como espaço fundamental na constituição e desenvolvimento subjetivo.

Assim, este trabalho se propôs a investigar o impacto do *bullying* na constituição e desenvolvimento da subjetividade em possíveis adolescentes, alunos do Ensino Fundamental de escola pública de Uberaba- MG, alvos de tal violência. A partir das concepções teóricas da Psicologia Sócio Histórica e do uso da metodologia qualitativa, e da análise de conteúdo de entrevistas semi- estruturadas.

1 INTRODUÇÃO

1.1 O Bullying

O termo *bullying*, tem origem anglo-saxônica, sendo encontrado na literatura psicológica de tais países, que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, em estudos sobre o problema da violência escolar.

Sem termo equivalente na língua portuguesa, define-se como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetitivos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima. Insultos, intimidações, apelidos cruéis e constrangedores, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, podendo chegar a violência física, levando a possíveis danos físicos, psíquicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying*. (FANTE, 2004). O *bullying* é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência.

Geralmente, os autores de *Bullying*, procuram pessoas que tenham alguma característica que sirva de foco para suas agressões. Assim, é comum eles abordarem pessoas que apresentem algumas diferenças em relação ao grupo no qual estão inseridas, como por exemplo: obesidade, baixa estatura, deficiência física, ou outros aspectos culturais, étnicos ou religiosos.

O *Bullying* é um problema mundial, sendo encontrado em praticamente todas as escolas, não sendo restrito a nenhum tipo específico de instituição. Diversos pesquisadores em todo o mundo têm direcionado seus estudos para esse fenômeno que toma aspectos preocupantes, tanto pelo seu crescimento, quanto por atingir faixas etárias, cada vez mais baixas, relativas aos primeiros anos de escolaridade.

No estudo realizado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência - ABRAPIA em 2002, envolvendo quase seis mil estudantes de quinta a oitava séries de escolas municipais do Rio de Janeiro, 40,5% dos 5785 alunos de 5ª a 8ª séries participantes admitiram estar diretamente envolvidos em atos agressivos na escola.

O episódio retratado no documentário "Tiros em Columbine", do cineasta Michael Moore, faz referência ao crime cometido por duas vítimas de *bullying*. Em abril de 1999, Eric Harris e Dylan Klebold entraram na *Columbine High School* fortemente armados, assassinaram 12 colegas e uma professora, suicidando-se em seguida.

Durante a década de 90, ocorreu na Europa, um número considerável de pesquisas e campanhas que conseguiram reduzir a incidência de comportamentos agressivos nas escolas.

Segundo a ABRAPIA, o estudo do *bullying* teve início com os trabalhos do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional Anti-*Bullying* nas escolas norueguesas (1993). No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de *Bullying*, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema.

Olweus pesquisou inicialmente cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais entre os vários períodos de ensino. Um fator fundamental para a pesquisa sobre a prevenção do *Bullying* foi avaliar a sua natureza e ocorrência. Como os estudos de observação direta ou indireta são demorados, o procedimento adotado foi o uso de questionários, o que serviu para fazer a verificação das características e extensão do *Bullying*, bem como avaliar o impacto das intervenções que já vinham sendo adotadas.

Nos estudos noruegueses utilizou-se um questionário proposto por Olweus, consistindo de um total de 25 questões com respostas de múltipla escolha, onde se verificava a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores (Olweus, 1993a). Este instrumento destinava-se a apurar as situações de vitimização/agressão segundo o ponto de vista da própria criança. Ele foi adaptado e utilizado em diversos estudos, em vários países, inclusive no Brasil, pela própria ABRAPIA, possibilitando assim, o estabelecimento de comparações inter-culturais.

Os primeiros resultados sobre o diagnóstico do *Bullying* foram informados por Olweus (1989) e por Roland (1989), e por eles se verificou que 1 em cada 7 estudantes estava envolvido em caso de *Bullying*. Em 1993, Olweus publicou o livro "*Bullying at School*" apresentando e discutindo o problema, os resultados de seu estudo, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas. Essa obra deu origem a uma Campanha Nacional, com o apoio do Governo Norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de *Bullying* nas escolas. Sua repercussão

em outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, incentivou essas nações a desenvolverem suas próprias ações.

O programa de intervenção proposto por Olweus tinha como características principais desenvolver regras claras contra o *Bullying* nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte de professores e pais, aumentar a conscientização do problema, avançando no sentido de eliminar alguns mitos sobre o *Bullying*, e prover apoio e proteção para as vítimas. Com o sucesso da Campanha Nacional Anti-*Bullying* realizada na Noruega, diversas campanhas e estudos seguiram o mesmo caminho, dos quais podemos destacar o The DES Sheffield Bullying Project–UK, a Campanha Anti-*Bullying* nas Escolas Portuguesas e o Programa de Educação para a Tolerância e Prevenção da Violência na Espanha, entre outros.

Atualmente, diversas pesquisas e programas de intervenção anti-*bullying* vêm se desenvolvendo na Europa e na América do Norte. Recentemente um projeto internacional europeu, intitulado “Training and Mobility of Research (TMR) Network Project : Nature and Prevention of Bullying”, mantido pela Comissão Européia, teve a sua conclusão em 2001. Este projeto, que englobava Campanhas do Reino Unido, Portugal, Itália, Alemanha, Grécia e Espanha, teve os seguintes objetivos:

- diagnosticar as causas e naturezas do *Bullying* e da exclusão social nas escolas;
- verificar as causas desses problemas em diferentes sociedades e culturas;
- verificar as conseqüências em longo prazo, até a vida adulta; avaliar os programas de intervenção prósperos;
- identificar modos de prevenção desses problemas, por meio da integração de diferentes metodologias de estudo.

Neste programa observou-se que a maior parte dos alunos entrevistados diz nunca ter sofrido situações de *bullying* na escola. A maioria dos agressores encontra-se na própria sala das vítimas, principalmente na séries iniciais. Os meninos tendem a ser agredidos principalmente por meninos, enquanto que as meninas por ambos os sexos. Os meninos também admitem agredir mais do que as meninas. A metade dos alunos entrevistados espera que o professor intervenha nas situações de agressão na sala de aula. Entre os alunos que se dizem agredidos, 50% admitem que não informam o ocorrido nem aos professores e nem a seus responsáveis.

Diversas discussões com os representantes das escolas participantes no programa foram desenvolvidas para obtenção de alguns princípios básicos na política de intervenção. Dentre as ações implementadas deve ser destacado o envolvimento de professores, pais, autoridades educacionais e alunos, buscando definir com clareza o fenômeno do *Bullying*, e

estabelecer as diretrizes necessárias para o desenvolvimento de estratégias que possam ser executadas por todos.

O objetivo principal era o de sensibilizar toda a comunidade escolar para apoiar os alunos alvos de *Bullying*, fazendo com que se sentissem seguros para falar sobre a violência que vinham sofrendo.

O Programa entendia as escolas como sistemas dinâmicos e complexos e que não poderiam ser tratadas de maneira uniforme, pois a realidade de cada uma delas é baseada nas experiências de seus alunos, de seus professores e da comunidade. Conseqüentemente, as estratégias e ações aplicadas deveriam ser definidas individualmente.

Estabeleceu-se que, em cada unidade de ensino, seria criado um Conselho, formado por representantes da comunidade escolar, capaz de definir e priorizar as ações, de acordo com os contextos sociais e políticos locais, buscando-se, assim, as soluções mais factíveis para a resolução dos problemas relacionados ao *Bullying*.

Dois aspectos de grande relevância, identificados em todos esses Programas, mereceram destaque: o número expressivo de crianças envolvidas em práticas agressivas, seja como alvos, autores ou testemunhas, e a constatação de que o número de alvos é sempre superior ao número de autores.

A partir desses trabalhos, vários estudos foram realizados com a finalidade de verificar o fenômeno sob diversos aspectos. Hoje é reconhecido que o *Bullying*, como fenômeno social, pode surgir em diversos contextos, como parte de problemas de relações pessoais entre adultos, jovens e crianças em diferentes locais, como: trabalho, prisões, asilos de idosos, ambiente familiar, clubes e parques, entre outros.

No Brasil, como reflexo dos trabalhos europeus, encontramos alguns estudos sobre *Bullying* no ambiente escolar, realizadas recentemente, dentre eles podemos citar o trabalho realizado pela Prof.^a Marta Canfield e colaboradores (1997), em que as autoras procuraram observar os comportamentos agressivos apresentados pelas crianças em quatro escolas de ensino público em Santa Maria (RS), usando uma forma adaptada pela própria equipe do questionário de Dan Olweus (1989).

As pesquisas realizadas pelos Profs. Israel Figueira e Carlos Neto, em 2000/2001, para diagnosticar o *Bullying* em duas Escolas Municipais do Rio de Janeiro, usando uma forma adaptada do modelo de questionário do TMR.

As pesquisas realizadas pela Profa. Cleodelice Aparecida Zonato Fante, visando ao combate e à redução de comportamentos agressivos, em estabelecimentos de ensino públicos e privados, no interior do estado de São Paulo, com um universo de 1.761 alunos,

comprovamos que 49% dos alunos estavam envolvidos no fenômeno. Desses, 22% figuravam como “vítimas”; 15% como “agressores” e 12% como “vítimas-agressoras”.

Como também o estudo realizado pela ABRAPIA, já citado anteriormente.

A maioria dos trabalhos realizados sobre *bullying* tem sido de caráter descritivo e quantitativo. Este tipo de investigação busca descrever o fenômeno em seus aspectos mais gerais. Limitando-se a centrar-se no que se mostra mais freqüente, a partir do qual se fazem generalizações. Como por exemplo, as relativas às principais características de agressores, vítimas de *bullying*, como se pode ver na descrição abaixo feita por Moreira 2005:

Agressor:

Comportamento provocador e de intimidação permanente

Modelo agressivo na resolução de conflitos

Dificuldade de se colocar no lugar do outro

Relacionamento familiar pouco afetivo

Tem pouca empatia

Vítimas:

São prejudicadas pelas ameaças e agressões

Servem de “bode expiatório” para o grupo

Não dispõem de recursos ou habilidades para reagir

Geralmente são pouco sociáveis e frágeis

Têm poucas esperanças de se adequarem ao grupo

Não revidam por vergonha ou conformismo

Este tipo de abordagem apresenta certas limitações, pois não permitem mostrar a diversidade e complexidade real do fenômeno. É necessário que se pense em estudos que resgatem os sujeitos envolvidos no *bullying*, que possibilitem compreender as complexas e variadas formas que tal situação os constitui.

1.2 O Homem para a Psicologia Sócio-Histórica.

A Psicologia Sócio Histórica tem como noção básica a historicidade dos fenômenos sociais e humanos. Concebe o homem como ser histórico, que se constitui em seu movimento ao longo do tempo, pelas suas relações e condições sociais e culturais.

Tem sua fundamentação básica na Psicologia Histórico Cultural soviética dos fins do século XIX e início do XX. Principalmente nas proposições Vigotski, que, traz em seus fundamentos epistemológicos e teóricos a possibilidade crítica. Com base no pensamento marxista, propôs a construção de uma psicologia científica, que buscasse compreender os processos psicológicos superiores, que marcariam a diferença qualitativa entre homens e animais (OZELLA, 2003). Para Vigotski (1996) diferentemente das funções psicológicas

elementares, apoiadas nos processos sensoriais e motores, as funções psicológicas superiores são mediadas pelos significados, os nexos estabelecidos pelo sujeito a partir de sua experiência, na relação dialética com o mundo, sendo a linguagem o suporte para o desenvolvimento destas operações. E como toda produção cultural e social, são produto da atividade humana. O homem transforma a natureza, mediado pelos instrumentos, e assim transforma a si próprio.

Esta abordagem psicológica fundamenta-se no marxismo e apóia-se no materialismo histórico e dialético como filosofia, teoria e método. Neste sentido concebe o homem como:

“Ativo, social e histórico. A sociedade como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material. As idéias como representações da realidade material. A realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas idéias. E a historia, como movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material deve ser compreendida toda produção de idéias, incluindo a ciência e a psicologia”. (BOCK 2001, p.17)

A teoria e o método da abordagem sócio histórica se contrapõem aos pressupostos teóricos metodológicos positivistas, no qual o homem é entendido segundo a noção de natureza humana, um homem livre a priori e dotado de potencialidades naturais. A Sócio Histórica entende o homem a partir da concepção de condição humana, o homem se constrói junto com outros homens, a partir de suas relações sociais contextualizadas no tempo e no espaço histórico em que vive. Rompendo a perspectiva dualista e dicotômica entre indivíduo e sociedade, em que estes são vistos como instancias distintas que interagem entre si. Esta abordagem aponta uma concepção de ser humano, como produto histórico- cultural, e ao mesmo tempo, como construtor da sociedade e capaz de transformar essa sociedade por ele construída.

Metodologicamente trabalha com categorias. Nesta perspectiva trabalho e relações sociais, atividade e consciência são categorias básicas para a compreensão do homem e da sociedade. O homem histórico insere-se em um contexto social por meio de sua atividade que é ao mesmo tempo definida por essa inserção e definidora dela. A forma como a sociedade organiza o trabalho, fundamento da sociabilidade humana, para a produção da existência humana, constitui, primariamente, como a expressão relacional do homem com a natureza, produzindo objetos destinados ao uso humano (ARENDDT, 1958). Se produz a partir de relações sociais determinadas, define a atividade de cada indivíduo. A consciência relaciona-se dialeticamente com a atividade, através de mediações A consciência representa a realidade experienciada e modificada pela atividade, inclui representações, emoções, afetos, significados, e sentidos, objetividade e subjetividade. (GONÇALVES, 2003).

Conforme mesma autora a relação atividade-consciência, constitui-se dialeticamente através das mediações, que neste processo seriam as relações sociais e a linguagem. As relações sociais definem-se socialmente pela organização do trabalho, particularizando-se nas relações estabelecidas pelo sujeito nas diversas esferas sociais, como a família, escola, grupos, local de trabalho. A linguagem se constitui como fator essencial na formação da consciência, com seus significados sociais produzidos historicamente e apropriados pelo sujeito que atribui sentidos pessoais a esses significados. Segundo Vygotsky:

O sentido de uma palavra é a soma de todos os fatores psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência, absolutamente peculiar ao próprio sujeito a ao contexto em questão. Uma palavra adquire seu sentido no contexto em que surge, em contextos diferentes, altera seu sentido. O sentido é uma formação dinâmica, fluida e complexa, que tem inúmeras zonas de sentido que variam em sua instabilidade. O significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto da fala. Permanece estável ao longo de todas as alterações de sentido. (Vygotsky, apud TEIXEIRA, 2003, p.108)

É através da significação e da produção de sentido que ocorre a hominização do homem, que este constitui sua subjetividade. A subjetividade é abordada como conjunto de significados construídos a partir das experiências do sujeito, através de suas ações e de sua inserção social. O homem é concebido como síntese de múltiplas determinações. Para Gonzáles Rey apud Martinez (2001):

A subjetividade se refere à organização dos processos de sentido e significado que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e em sua personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua. (González Rey apud MARTINEZ, 2001, p. 238)

Nesta concepção a subjetividade se relaciona intimamente e de maneira dialética com o biológico e o social, nega-se qualquer tipo de reducionismo, que tem estado presente em algumas correntes da psicologia. Esta concepção de subjetividade traz a complexidade da constituição psicológica tanto a nível individual quanto social. Tornando-se impossível a dicotomização da realidade em níveis subjetivos e objetivos. Conforme Andriani (2003), o psiquismo contém o social transformado em psicológico, neste processo a realidade interpessoal (social e histórica), configura-se em intrapessoal (subjetiva).

Partindo de Vygotsky, González Rey (2003a), propõe a categoria configuração para representar a unidade dinâmica sobre a qual se definem os diferentes sentidos subjetivos dos eventos sociais experienciados por cada pessoa. Por configuração subjetiva, entende-se a organização de um conjunto de estados dinâmicos que, em sua inter-relação, definem o

sentido subjetivo das diferentes relações e atividades desenvolvidas pelo indivíduo em sua condição de sujeito psicológico.

O processo de configuração subjetiva não é, portanto, uma mera síntese direta do mundo material, mas a síntese entre o novo que se experimenta e os conteúdos subjetivos já configurados até então. A atribuição de sentido subjetivo a experiência material, a cada configuração de subjetividade, alimenta o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Trata-se de um processo em que as alterações nas conexões cerebrais, provocadas pela atribuição de novos sentidos, são traduzidas pelo aparecimento de novas sínteses, novas conexões. (Vigotsky, apud, TEIXEIRA, 2003, p.107)

O processo de constituição do homem não ocorre por uma de absorção imediata do meio, mas por um movimento constante de subjetivação da realidade que o torna um sujeito singular. O sujeito se insere simultaneamente em contextos diferentes, sendo que cada um destes apresenta sistema de relações e comunicações diferenciado, no qual o sujeito experiência e subjetiva também de forma diferenciada, conforme sua singularidade, o que explica o caráter único da subjetividade individual.(MARTINEZ, 2001). Cada sujeito se singulariza pela forma como sua subjetividade se constitui a partir das complexas e diversas redes de interação do sujeito.

A constituição da subjetividade individual, ou seja, a constituição do psiquismo no sujeito individual, é um processo singular que surge na complexa unidade dialética entre sujeito e meio atual, definido pelas ações mediante as quais a história pessoal a do meio confluem em uma nova unidade que, ao mesmo tempo, apresenta uma configuração subjetiva e uma configuração objetiva. E, assim como o social se subjetiva para converter-se em algo relevante para o desenvolvimento do sujeito, o subjetivo permanentemente se objetiva ao converter-se em parte da realidade social, com o qual se redefine constantemente como processo cultural (FURTADO, 2001, p.89)

Da mesma forma, a subjetividade social para Gonzalez Rey (2003b), está presente no repertório cultural de um povo, em suas crenças, narrativas, construídas em um determinado tempo histórico. É matriz da constituição de suas representações sociais. Aparece constituída de forma diferenciada nas diferentes expressões de cada sujeito concreto, cuja subjetividade individual está atravessada de forma permanente pela subjetividade social. A constituição psíquica do sujeito se dá em suas vivências concretas em um contexto social constituído pelas configurações características de sua subjetividade social.

Ainda com base neste autor, os sentidos subjetivos constituem importantes elementos para compreensão da constituição e desenvolvimento da subjetividade. A produção do sentido subjetivo de uma determinada experiência do sujeito é feita mediante a complexa integração

dos elementos de sentido produzidos em outras esferas de sua vida que tenham a ver, de forma não linear com a experiência atual. Quando se aborda os sentidos subjetivos, refere-se às vivências emocionais e psicológicas que se processam na subjetividade, entendendo que há vivências e experiências não significadas em sua totalidade.

A produção de sentido elaborada pelo sujeito revela sua própria subjetividade, apresenta-se como síntese cognitivo-afetiva do pensamento manifesto em determinado contexto. Um dos elementos característicos da subjetividade é a união entre cognição e afeto. O pensamento é gerado pela motivação, ou seja, pelos desejos e necessidades, interesses e emoções. Os afetos e emoções atuam em um complexo sistema com os nossos conceitos. As emoções são elementos centrais na constituição das necessidades históricas humanas, ao mesmo tempo em que são por estas constituídas. (LANE e CAMARGO, 1995).

1.3 Adolescência e identidade

Adolescência, do latim *adolescere* (crescer) é uma fase da vida que pode ser definida em sua dimensão psicobiológica e em sua dimensão histórica, política, econômica, social e cultural. A definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), refere-se à dimensão biológica e psicológica da adolescência.

O Estatuto da criança e do Adolescente (ECA) considera criança, para os efeitos da lei, as pessoas de até 12 anos de idade incompletos e, adolescente aquele entre 12 e 18 anos. Já para a OMS, a adolescência compreende a faixa etária que vai dos 10 aos 19 anos. E juventude, aquele que transcorre entre os 15 aos 24 anos de idade. Segundo tal organização a adolescência caracteriza-se por mudanças físicas aceleradas e características da puberdade, diferentes do crescimento e desenvolvimento que ocorrem em ritmo constante na infância. Essas alterações surgem influenciadas por fatores hereditários, ambientais, nutricionais e psicológicos (OMS, 1965). Percebe-se que sociedade destaca e atribui significado a certas marcas para identificar a adolescência, muitas delas corporais.

O conceito de adolescência surgiu pela primeira vez no século XIX, apresentado por Rousseau.

Em sua obra *Emílio ou da Educação*. Associando idéias de revolução, paixão e primitividade à imagem do adolescente, Rosseau definiu a adolescência como segundo nascimento, provocado pela emergência da paixão sexual, que empurra o adolescente para além de si mesmo, para a

humanidade, gerando uma turbulenta revolução, manifesta em freqüentes mudanças de humor, rebeldia e instabilidade. (CÉSAR, *apud* CALIL, 2003:144).

Rosseau contribuiu significativamente para a concepção moderna de infância e adolescência, como época de crise, rebeldia, ambigüidade. Estudos de Stanley Hall e o reforço da teoria psicanalítica, marcaram a adolescência como etapa inerente ao desenvolvimento do ser humano, caracterizada por conturbações emocionais vinculadas à sexualidade e sociabilidade, devido às mudanças características do crescimento e desenvolvimento corporal. Esta turbulência estaria refletida no conflito entre pais e filhos.

Esta concepção está claramente presente nos estudos de Aberstury e Knobel (1989), que em sua obra introduziram o conceito de “síndrome normal da adolescência”, caracterizada pela busca de si mesmo e da identidade, tendência grupal, evolução sexual, atitude anti-social reivindicatória com tendências anti ou associas, constantes flutuações de humor e estado de ânimo, entre outras.

Segundo Ozella (2003), esta definição de adolescente está impregnada em livros, teorias, mídia, incorporada pela população e pelos próprios adolescentes. O jovem apropria-se desse significados para representar a sua particular experiência de adolescência, que se transforma em mediações na construção de sua identidade e subjetividade. O jovem terá tais concepções como parte da determinação de sua conduta como adolescente, o que implicará em momentos de reprodução ou de transformação da realidade.

Segundo mesmo autor há uma estereotipia negativa ao conceber a adolescência como etapa evolutiva peculiar ao ser humano, universal, fase de conturbações e rebeldias. Isto reflete a visão liberal do homem, que embasa a prática psicológica, que muitas vezes dissimula, oculta e legitima desigualdades nas relações sociais, ao conceber o homem como livre e dotado de potencialidades e características naturais.

A prática psicológica junto a estes sujeitos tem sido na maioria das vezes curativa, na tentativa de eliminação de uma “doença” instaurada, um desajuste, um conflito, uma inadequação, buscando prevenir a instauração de uma doença, atingindo uma condição saudável. A Psicologia Sócio-Histórica dá maior ênfase nas práticas de promoção de saúde, que busquem introduzir condições adequadas para o desenvolvimento saudável do homem.

Tais condições seriam sociais, familiares, econômicas, bem como condições psicológicas, isto é, condições cognitivas e afetivas. Concretizando-se através do acesso ao conhecimento, que leva a compreensão de sua inserção no mundo e das multi-determinações da constituição de sua existência, possibilitando uma atuação transformadora. (OZELLA, 2003)

Os estudos antropológicos de Margaret Mead (1997), junto a tribos africanas, questionam a universalização dos conflitos e crises dos adolescentes, reafirmando as determinações históricas e culturais na constituição da adolescência. A psicologia sócio-histórica busca transcender as teorias naturalizantes sobre adolescência, na medida em que entende este período como processo de construção do ser humano.

Assim a psicologia como um todo, não pode negligenciar a inserção histórica do jovem, suas condições objetivas de vida. A visão preconceituosa da adolescência, universalizante, naturalizante e por vezes patologizante, como uma etapa natural de crise e turbulência presente na psicologia deve ser revista, por apresentar, potencialmente, alguns riscos tais como: rotular de patológico o adolescente não-rebelde ou que não aparente as dificuldades contidas na síndrome normal da adolescência, ou ainda considerar saudável o "ser anormal", é possível que problemas sérios que apareçam na adolescência não sejam reconhecidos.

Considerando o referencial sócio-histórico, concebemos o Homem como um ser histórico, isto é, um ser constituído no seu movimento; constituído ao longo do tempo, pelas relações sociais, pelas condições sociais e culturais engendradas pela humanidade, na qual identidade, personalidade e subjetividade são compreendidas também como construções históricas. Enfatiza a relação indivíduo/sociedade como uma relação dialética, em que um constitui o outro, ao mesmo tempo que se constitui (BOCK,2001).

A partir desta perspectiva a adolescência deve ser compreendida a partir da inserção do sujeito na totalidade em que foi produzido, totalidade essa que o constituiu e lhe dá sentido. É uma construção histórica, que tem seu significado determinado pela cultura e pela linguagem que media as relações sociais, e torna-se referência para constituição dos sujeitos. Seria conforme Ozella (2003), um processo de desenvolvimento de transição para a vida adulta, resultando de uma construção social, dependente das relações sociais estabelecidas durante o processo de socialização, incluindo fatores econômicos, sociais, educacionais políticos e culturais.

O surgimento da infância e da adolescência é relativamente recente, surge por volta dos séculos XVIII e XIX. A diferenciação entre adulto e criança

fez surgir a necessidade de criação de espaços próprios de sociabilidade, rompendo com a tradição predominante de introduzir crianças no meio adulto sem distinções. O advento da modernidade com a mudança nas relações sociais e especialização da força de trabalho, também impulsionou o surgimento de espaço de socialização das crianças, e conseqüentemente o surgimento de escolas, enquanto espaço público de educação infantil. (CALIL, 2003)

Adolescência se refere então, ao período de latência social constituído a partir da sociedade capitalista, gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho, extensão do período escolar e da necessidade do preparo técnico. Essas questões sociais e históricas vão constituindo uma fase de afastamento do trabalho e preparo para a vida adulta. O desenvolvimento e aparecimento de transformações no corpo vão sendo tomados como marcas do corpo que sinalizam esta etapa. (BOCK, 2001)

Conforme mesma autora, a construção da contradição básica que caracteriza a adolescência é que os jovens apresentam todas possibilidades de se inserir na sociedade adulta em termos cognitivos, afetivos, de capacidade de trabalho e reprodução. No entanto, a sociedade adulta lhes tira a autorização para esta inserção.

É dessa relação e de sua vivência enquanto contradição que se constituirá grande parte das características que compõem a adolescência; a rebeldia, a moratória, a instabilidade, a busca de identidade e os conflitos. Cada jovem se constituirá em relações que dão por suporte esta passagem e esperam encontrar nos jovens estas características. Os modelos muitas vezes são veiculados pela mídia virtual, imprensa, televisiva e a literatura, entre outros. (Ibidem)

Dentro destas características que irão compor a adolescência, está a participação e vivência em grupos, sendo um grupo muito importante o escolar, formado pelos alunos de uma mesma sala de aula, que tem grande influência na estruturação de suas convicções e no desenvolvimento de suas capacidades. Estas vivências grupais, no cotidiano dos jovens deixam marcas mais ou menos profundas dependendo da forma como se dá a inserção nos grupos e das relações que neles se desenvolvem, podendo ser gratificantes ou traumáticas. Assim cabe ao psicólogo escolar colaborar para que os alunos pensem na experiência de grupo que vivenciam, tornando explícitas as questões implícitas que podem dificultar ou facilitar as relações no grupo, de modo a torná-las as mais saudáveis possíveis e fortalecendo assim a auto-estima do grupo. (CARLOS, 2001)

Na sociedade ocidental a adolescência é uma etapa de desenvolvimento do Homem, para além da infância cria-se uma fase de passagem do mundo infantil para o adulto; logo, é esperado do adolescente a construção de sua identidade.

A identidade é o ponto de referência a partir do qual surge o conceito de si e a imagem de si. O sujeito constrói sua identidade entre momentos de interações sociais e momentos de subjetivação destas experiências, como sujeito singular, único e historicamente situado. A identidade é construída no seio das relações sociais, construída constantemente, nunca chegando numa forma final, nunca estando acabada. (JACQUES, 2003)

A construção da identidade do sujeito é um processo contínuo, fruto de sua pertinência ao grupo social em que concretiza suas relações de produção de si mesmo e da realidade no qual se insere. (BOCK, 2003)

A identidade não pode ser compreendida como algo ordenado e definido de uma vez por todas, é a definição de um sentido subjetivo que pode aparecer de formas diversas e em contextos diferentes, dependendo dos sentimentos e emoções comprometidos na situação. (GONZÁLEZ REY, 2003). Segundo mesmo autor:

A identidade deve ser compreendida como um sistema de sentidos que se articula a partir de configurações subjetivas historicamente constituídas na história de um sujeito concreto e nas condições concretas nas quais ele atua. Como resultado dessa confrontação entre o histórico e o atual, aparecem situações em que se apresenta a necessidade do sujeito se reconhecer a si mesmo dentro da situação, de delimitar seu espaço, o espaço em que encontra a congruência consigo mesmo na situação que está enfrentando. Neste momento aparece sua identidade, em que os elementos de sentido em jogo dentro da situação definem emoções que se evidenciam no sentido de identidade. (GONZALEZ REY, 2003, p.263)

1.4 O contexto escolar

Uma escola é um espaço social de fundamental importância na vida de crianças e adolescentes. Seu nascimento histórico, seus valores estão comprometidos com o nascimento do indivíduo moderno, com a necessidade de criação de instituições normativas (FOCAULT, 1979). O modo de produção capitalista na forma fordista esteve diretamente relacionado ao desenvolvimento das teorias desenvolvimentistas e a conseqüente organização por seriação, vivida na escola no século XX. A mudança nos modos de produção com o advento das novas tecnologias, caracterizando a globalização, repercutiu na escola como necessidade de que as aprendizagens possibilitem o desenvolvimento de valores atitudinais, além dos procedimentais, tão enfatizados no século XX.

A aprendizagem é uma atividade humana essencialmente subjetiva, pois para acontecer é preciso que o sujeito, na condição de aprendiz, se mobilize subjetivamente, disponibilizando recursos para o desenvolvimento da atividade. Assim, cada sujeito se

singulariza pela forma como sua subjetividade é constituída e construída no tecido social do qual faz parte. Contempla a unicidade que cada sujeito é e que se manifesta em sua fala, em sua ação, em seus motivos, em sua afetividade.

Através da atividade escolar o aluno pode transcender o conhecimento espontâneo da realidade, tem a possibilidade de desenvolver, segundo Vygotsky, apud Martinez (2001), formas complexas de atividades de pensamento, novas operações mentais. E também a possibilidade de desenvolver inúmeras capacidades e a partir dos sistemas de comunicação de que participa e das vivências emocionais que experimenta, desenvolver valores, motivos, formas de ver o mundo, e outros elementos psicológicos que configuram a subjetividade. No entanto em muitas situações este espaço tem sido motivo do desenvolvimento de insegurança, baixa auto-estima.

Na escola, espaço social estruturado, o sujeito tem a possibilidade de desenvolver inúmeras capacidades e a partir dos sistemas de comunicação em que participa e das vivências emocionais que experimenta, desenvolver valores, motivos, formas de ver o mundo, dentre muitos elementos que configuram a subjetividade. (MARTINEZ, 2001)

Os espaços sociais se constituem como espaços de experiências, de constituição de valores, de formas de se relacionar, enfim, objetivações as quais o sujeito experiencia e subjetiva de uma forma diferenciada segundo sua própria singularidade. Para Gonzalez Rey o impacto que um determinado contexto tem para o desenvolvimento da subjetividade dependerá de suas características, das relações sociais nele desenvolvidas, como também das características subjetivas desenvolvidas anteriormente pelo sujeito, pelo sentido que a inserção neste contexto tem para ele, conforme mesmo autor:

(...) ao entrar na vida social, a pessoa vai se transformando em sujeito; no entanto, sua integração nesse espaço é diferenciada até pela própria socialização de suas diferenças individuais, que passam a constituir-se como elementos de sentido na organização dos sistemas de relação social que acompanham o desenvolvimento humano. (GONZALEZ, 2003, p.205)

Assim, a experiência de ser aluno de uma determinada escola, turma, sala de aula, em um determinado tempo histórico terá para o sujeito um sentido subjetivo único, configurado pelos elementos de sentido provenientes de suas outras experiências escolares, de outros espaços sociais, como as expectativas e as necessidades que sua família tem com relação à sua aprendizagem, e ainda, provenientes das atuais produções de sentido no espaço escolar.

Em nossa cultura a escola é o ambiente de socialização mais importante e primeiro, excetuando-se a família, é um espaço fundamental na constituição e desenvolvimento subjetivo. Tal instituição deve ser compreendida como única e singular, ao mesmo tempo na qual faz parte de uma totalidade maior, portanto social e histórica. Cada instituição na sua singularidade vai mediar elementos constitutivos desta realidade, como a ideologia, as relações sociais, as contradições, a desigualdade, a exclusão. (NEVES, 1996)

Neste espaço, o professor se apresenta como um importante mediador, multiplicador não apenas de conhecimento e capacidades, como também de valores, ideologias. No entanto sua prática é muito desvalorizada em nossa cultura, o que pode ser percebido pelos baixos salários que recebem e falta de investimentos em sua formação. Urgem maiores investimentos neste profissional, uma maior valorização de seu trabalho, e conseqüentemente oferecimento de melhores condições materiais para realização de seu trabalho.

1.5 Preconceito, exclusão social e violência

Segundo Collares e Moyses (1996) é na vida cotidiana que o homem participa com todos os aspectos de sua subjetividade. Nela colocam-se sentidos, capacidades intelectuais, habilidades manipulativas, sentimentos, paixões, idéias, ideologias. Uma das características fundamentais da vida cotidiana é a existência de juízos provisórios, que antecipam a realidade possível, e independe do confronto com a realidade. Quando este é refutado no confronto com a realidade concreta, e mesmo assim se mantém cristalizado e inabalável, este se torna um preconceito. O cotidiano escolar é permeado por preconceitos e juízos prévios sobre professores, alunos e famílias, constituídos a partir de ideologias dominantes.

Os preconceitos originam-se no processo histórico cultural, econômico e, principalmente, moral de cada sociedade; transformando-se, assim, em sentimento. Dessa forma, apenas a informação não é suficiente para erradicá-lo. O preconceito vai além da desinformação, é mito mais profundo que isso, pois mexe com todo o sistema de valores que vão sendo construídos no sujeito, a medida em que ele vai sendo socializado, e corresponde ao substrato pelo qual o estigma se constrói. O estigma faz referência a um atributo que a sociedade elencou como depreciativo. (GOFFMAN, 1982)

Podendo se manifestar em todas as esferas da vida, transformando a diferença em desigualdade, o preconceito desencadeia ações de discriminar, pautadas em julgamentos valorativos que hierarquizam os sujeito entre piores e melhores, normais e anormais. O poder disciplinar, que marca a prática escolar, atua como forma de coerção uma relação que

compara os melhores e piores alunos, construindo essencialmente, uma relação hierárquica de qualidades. Essa hierarquização não remete somente aos alunos dentro de uma classe, ela existe entre as classes. (BORGES, L.J., 2005)

Segundo Carreiro (2003), prevalece dois imaginários em nossa sociedade, o da excelência, no qual se destaca a idéia de triunfo, poder, perfeição. E o da inutilidade, que acenam valores de fracasso, desqualificação. Tais referências se constituem a partir da lógica do capital globalizado, que reforça a individualismo e posições ocupadas na sociedade.

Os sujeitos categorizados com a marca do fracasso tem mais possibilidades de experimentar o sofrimento social, a partir de humilhações, vergonha, falta de reconhecimento.

O cotidiano escolar é permeado por preconceitos e juízos prévios sobre professores, alunos e famílias, e exclusão social, constituídos a partir de ideologias dominantes. O termo ideologia possui diferentes significados, pode referir-se à maneira de pensar, típica de certos grupos sociais em particular, ou assinalar a ação distorsiva e o efeito negativo determinantes de idéias e modos de pensamento. A significação de caráter negativo da ideologia é a tomada por Marx e Engels em a Ideologia Alemã:

Designando a forma através do qual a consciência pode ser falseada produzindo modos de pensamento segundo os quais a realidade é distorcida de tal maneira que as causas reais de um fenômeno escapam ao seu conhecimento sendo substituído por outras explicações, convenientes aos interesses de determinados grupos de poder, detentores dos meios de produção. (MONTERO, 1995, p.85)

O termo ideologia é usado neste trabalho como uma forma de ocultação e distorção da realidade, destinada a manter a hegemonia de determinados interesses, que se mantém através da linguagem, não apenas no senso comum como também na linguagem científica. No entanto, esta não deve ser vista como algo que se produz na esfera macrosocial, e que recai sobre os sujeitos. Haja vista que os sujeitos têm um papel ativo na sua produção e reprodução. Não são agentes passivos, mas dinâmicos, produtores, transmissores, transformadores e contestadores da ideologia. (Ibidem).

A partir dos preconceitos e ideologias dominantes justificam-se a exclusão social. Foucault (2002), percorrendo a história da loucura, afirma que, desde o século XIV ao século XVII, a exclusão de indivíduos é uma prática constante, isto é, a eliminação de pessoas indesejadas, pois valores éticos, morais e o modelo médico estão fortemente enraizados. A prática de retirá-los do convívio social, seja enviando-os em embarcações marinhas seja fechando-os em celas e calabouços, asilos e hospitais, é um elemento predominante desta época.

Entende-se o processo de exclusão social a partir de sua relação a partir de sua relação dialética com o processo de inclusão social. Exclusão e inclusão não são dois pontos distintos, mas sim algo da mesma ordem q que acontecem simultaneamente. Segundo Sawaia (1999), a inclusão gera exclusão social, e esta, por sua vez, só se sustenta pela inclusão: a inclusão de alguns grupos em determinadas categorias só tem sentido pela exclusão de outras em relação a esta mesma categoria; por sua vez, a sustentação da condição de exclusão depende do sentimento de inclusão social.

A inclusão traz o conceito de que é preciso haver modificações na sociedade para que esta seja capaz de receber todos os segmentos que dela foram excluídos, entrando assim em um processo de constante dinamismo político social.

A partir da exclusão social e das injustiças sociais, cria-se o que Sawaia (1999), qualificou como sofrimento ético político. Todos os sujeitos sociais estão expostos a sentimentos forjados no confronto com injustiças. No entanto, são os integrantes de categorias mais subalternizadas os que vivenciam, de forma mais acentuada, situações de desvalorização, humilhação, que os fazem sentirem - se envergonhados. Eles participam de dinâmicas sociais que lhe depreciam, desqualificam suas experiências vividas. Tais práticas, através da violência real e simbólica, constituem relações de poder, não apenas visam submeter os sujeitos, criando indivíduos dóceis. Como também fazer com que eles se subjetivem como inadequados à sociedade. (CARRETEIRO, 2003)

A escola é uma esfera da vida social permeada por relações de poder, nas quais o *bullying* seria mais um exemplo. Sendo que o poder disciplinar apresenta um lugar privilegiado nos discursos e nas ações, sendo a principal personagem das relações que compõe o universo escolar. O sistema educacional, contribui também, para reproduzir a ordem social hegemônica. A violência simbólica atua em todo o campo da educação e da cultura, na qual aqueles que se diferenciam da maioria, que não cumprem com lhes é esperado, são discretamente ou não excluídos, relegados à vergonha e o silêncio.

Podem se perceber dois tipos de violência no contexto escolar. A violência explícita, mo qual ameaça e intimidação estão bastante presentes, caracteriza quando há o embate corpo a corpo, que visa submeter o outro por meio de força física. E a violência implícita, simbólica, que se caracteriza por ser mais sutil, deixa traços sem marcas no corpo. A violência física ou simbólica encontra-se na origem dos processos sociais de vergonha, e de sofrimento, engendram um processo de invalidação do sujeito e seus grupos de pertença. (Ibidem).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral:

Investigação do impacto do fenômeno *bullying* na subjetividade, a partir da investigação das relações interpessoais de alunos do Ensino Fundamental de escola pública de Uberaba-MG, que vivenciaram tal violência.

2.2 Objetivos Específicos:

- Identificar alunos que sofrem *bullying* no ambiente escolar;
- Investigar como adolescentes que sofrem *bullying* enfrentam e reagem a tal situação;
- Investigar o sentido subjetivo atribuído às agressões que são dirigidas aos adolescentes;
- Investigar os relacionamentos interpessoais e familiares destes adolescentes.

3 MÉTODO

Considerando que concebemos o fenômeno estudado de forma dinâmica e determinada historicamente, através das condições de produção material e cultural de determinados segmentos, optamos por uma abordagem metodológica que preserve o caráter histórico e processual dos fenômenos humanos.

Entende-se por metodologia o caminho e instrumentos próprios de abordagem da realidade, ocupando lugar central no interior das teorias sociais, incluindo concepções teóricas, conjunto de técnicas que possibilitem a apreensão da realidade e potencial criativo do pesquisador. (MINAYO, 2000, p. 22)

A atividade de pesquisa baseia-se num processo de construção histórico e coletivo, que revela marcas de seu tempo e dos homens que participaram desta construção. Teoria e técnica caminham juntas, sendo indispensáveis à investigação social. A pesquisa social não é estática, mas histórica, no qual a realidade deve ser compreendida como uma totalidade, logo envolve diferentes áreas do conhecimento que ultrapassam os limites da ciência. Neste processo de produção do conhecimento, o investigador nunca é neutro, deixa sua marca, já que o objeto dentro das ciências sociais também é sujeito e interage permanentemente com o investigador. Contudo, é necessário reduzir juízos de valores na pesquisa (MINAYO, 2000).

Para a investigação realizou-se estudo empírico qualitativo de caráter exploratório, que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema apresentado, com vistas a torná-lo mais explícito, além de envolver levantamento bibliográfico, entrevistas e análise (GIL, 1996). Tal produção do conhecimento além de contribuir para ampliação da capacidade explicativa da teoria, busca observar e levantar aspectos importantes para um melhor entendimento da questão.

O estudo da subjetividade ancorado pela metodologia qualitativa, permite produzir conhecimento com base em uma elaboração teórica partindo da concepção de subjetividade humana como realidade multideterminada, histórica e em constante movimento de transformação.

A pesquisa qualitativa, para Minayo (2000), deve ser entendida como capaz de incorporar a questão do significado e intencionalidade, como inerentes aos atos, relações, estruturas sociais, sendo estas construções humanas. Trabalha com o universo de significações

dos sujeitos, como motivos, representações, atitudes, apresenta finalidade operacional visando o trabalho de campo.

Na Psicologia Sócio- Histórica, o método de investigação deve ser capaz de substituir a análise de um objeto, pela análise do processo de sua constituição. Nesta perspectiva, o objetivo do trabalho é interpretar o produto da relação estabelecida entre pesquisador e pesquisada, considerando os determinantes sócio-históricos da situação abordada. (MINAYO,1994 e AGUIAR, 2001). Assim só é possível a compreensão do fenômeno *bullying* no contexto escolar através dos próprios sujeitos implicados neste processo.

3.1 Sujeitos

Participaram da investigação 11 sujeitos divididos em dois grupos, de modo a abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões.

A) Professores do Ensino Fundamental

Foram entrevistados 7 professores do Ensino Fundamental de uma escola estadual de Uberaba – MG. A amostra foi composta por professores de ambos os sexos, com idade de 25 a 44, todos com formação superior.

O objetivo da entrevista com os professores, foi de identificar possíveis alunos alvo de *bullying*. Em relação a esta questão, devemos ressaltar que foi realizado levantamento bibliográfico a fim de obter material de diferentes pesquisas e instrumentos normatizados para o levantamento inicial. Diante da impossibilidade de acesso ao instrumento validado e desenvolvido pela ABRAPIA, o levantamento inicial dos alunos que sofriam *bullying* ficou prejudicado.

Pontua-se o limite metodológico da pesquisa, devido ao não uso de um instrumento normatizado e validado segundo os parâmetros psicométricos, para identificação dos alunos alvos de *bullying*. Com isto, este trabalho tem seu objetivo inicial cumprido parcialmente. Sugere-se que este estudo sirva como um piloto para próximas pesquisas, que com maior disponibilidade de tempo e recursos, possam desenvolver e validar um instrumento que tenha como objetivo identificar praticantes e alvos de *bullying*.

B) Alunos do Ensino Fundamental:

Inicialmente seriam entrevistados apenas alunos que estivessem cursando a última série do Ensino Fundamental, no entanto, a partir das entrevistas com os professores

percebeu-se que estes identificavam situações de *bullying* principalmente na 6º série do Ensino Fundamental. A partir deste dado foi necessário incluir alunos desta série na pesquisa.

Assim sujeitos da pesquisa 4 alunos adolescentes, de ambos os sexos, matriculados no Ensino Fundamental de uma escola pública de Uberaba- MG, que foram identificados como alvos de *Bullying* pelos professores. Dos alunos entrevistados 3 estão cursando a 6º série e 1 a 8º série do Ensino Fundamental.

3.2 Caracterização do local da pesquisa

A escola em que foi realizada a pesquisa é estadual e atende a uma clientela de nível sócio econômico baixo. Foi fundada em 1964, atualmente tem aproximadamente 613 alunos. Funciona nos três turnos, sendo que no período matutino, no qual se realizou a coleta de dados, funcionam Ensino Fundamental (5º a 8º série) e Ensino Médio. Já no turno vespertino funcionam as séries iniciais e Ensino Fundamental (1º a 4º série). E no turno noturno, apenas Ensino Médio. A maioria dos professores são efetivos, sendo grande a frequência de faltas dos mesmos.

Apresenta nove salas de aula, uma sala de áudio- visual, sala de orientação, a secretária é composta da sala de direção, supervisão, e dos professores, há também banheiros, biblioteca, e quadra poli esportiva.

As aulas são ministradas de forma tradicional, usando livros didáticos e quadros negros, assim como a própria disponibilidade de carteiras segue a disposição tradicional: uma carteira atrás da outra.

3.3 Procedimentos/ Instrumentos

Foram utilizadas com professores e alunos entrevistas semi-estruturadas a fim de se obter informações contidas na fala dos atores sociais. Segundo Minayo (2000) combina perguntas fechadas e abertas, no qual o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem resposta ou condições preferidas pelo pesquisador. As qualidades de uma entrevista semi estruturada esta na possibilidade de enumerar, da forma mais abrangente possível, as questões que o pesquisador quer abordar, a partir de suas hipóteses e pressupostos.

Para Martinez (2001), tal instrumento empregado no estudo da subjetividade, possibilita que o diálogo pesquisador-pesquisado se construa a partir dos interesses do

pesquisador o qual contribui para a mesma dando-lhe sentido, sem, no entanto, definir um caráter diretivo, fechado, assimétrico. Sendo necessário estabelecimento de uma atmosfera de confiança, para uma entrevista bem sucedida.

A entrevista com os professores (Anexo A) teve como objetivo de principal identificar possíveis alunos alvos de *bullying*. Com exceção dos dados pessoais compõe-se de 6 itens, propondo-se a averiguar também familiaridade e representações sobre o fenômeno, identificação de situações em que ocorre, explicação para sua ocorrência, atitudes e ações tomadas frente ao fenômeno.

A entrevista com os alunos (Anexo B) com exceção dos dados pessoais compõe-se de 6 itens, com o objetivo de investigar a rotina do aluno, relações familiares e escolares, sociabilidade, representação de si próprio, representação dos outros sobre si, vivência de situações de discriminação, sexualidade e afetividade.

3.4 Estratégias para coleta de dados

Os dados foram coletados em uma escola estadual da cidade de Uberaba- MG. Esta escola foi escolhida por ser filiada e beneficiada pelo Programa Pró Saúde da Universidade de Uberaba, que realiza práticas de promoção e prevenção em saúde, por meio de uma equipe interdisciplinar.

Primeiramente foi realizado um contato com a diretora da escola, no qual se explicou sobre a pesquisa e seus objetivos, e foi pedido autorização para realização da mesma. A diretora autorizou a coleta de dados, mostrando-se bastante disponível. As entrevistas com professores foram realizadas durante o mês de outubro de 2005. Enquanto que as entrevistas com os alunos se deram na primeira semana de novembro do mesmo ano. As entrevistas foram transcritas a medida em que foram realizadas, após a assinatura do termo de consentimento informado e esclarecido (Anexo C).

3.5 Princípios éticos

O estudo seguiu a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, órgão regulador das diretrizes e normas de pesquisas com seres humanos, que abrange quatro referências básicas da bioética, autonomia, não-maleficência, beneficência, e justiça extensiva a todas as pessoas que possam vir a ter alguma relação com a pesquisa, o pesquisador, o

trabalhador das áreas onde a mesma se desenvolve e , em última análise a sociedades como um todo.

Foi esclarecido aos participantes os objetivos e procedimentos do trabalho, garantido sigilo sobre as informações e um retorno após a conclusão do trabalho.

3.6 Tratamento e análise dos dados

Foi realizado estudo qualitativo do material, utilizando-se o método da análise de conteúdo. Segundo Minayo (2000) tal análise:

“Parte de uma literatura de primeiro plano para atingir um nível mais aprofundado: aquele que ultrapassa os significados manifestos. Para isso a análise de conteúdo em termos gerais relaciona estruturas semânticas (significantes) e estruturas sociológicas (significados) dos enunciados. Articula a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção de mensagem” (MINAYO, 2000: 203).

A análise conforme Bardin (1977) apóia-se numa concepção da comunicação como processo e não como um dado, desviando-se das estruturas e dos elementos formais, tendo o discurso como palavra em ato, ou seja, considera que o sujeito ao produzir a palavra, faz um trabalho no qual é elaborado um sentido e são operadas transformações.

No processo de análise das informações, dentro da abordagem qualitativa, o investigador tem papel ativo e utiliza a informação em um processo construído tendendo a aproximar-se das características do fenômeno estudado em sua complexidade. O fenômeno deve ser estudado cuidadosamente, ressaltando-se o caráter dinâmico das relações e, desta forma a impossibilidade de se chegar a um ponto final em pesquisa.

Bardin (1977), define análise de conteúdo como:

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (Quantitativos ou não) que permitam inferência de conhecimentos relativos à condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.” (BARDIN, 1977, p.42)

Dentre as várias técnicas de análise de conteúdo optou-se pela análise temática, que melhor se adequou aos objetivos desta investigação. O tema está ligado a uma afirmação a respeito de determinado assunto. Através de uma palavra, é possível compreender

determinadas redes de relações. Para mesmo autor o tema é unidade de significação presente no texto analisado que serve de guia de leitura.

A análise temática a partir de Minayo (2000), consiste em descobrir os núcleos de sentido, que compõem a comunicação, cuja a presença signifique algo para o objetivo de análise visado. Qualitativamente a presença de determinados temas denota valores de referência, crenças e os modelos de comportamento presentes no discurso.

A análise dos resultados se deu em três etapas:

1ª. Pré- análise: Consistiu na retomada dos objetivos iniciais da pesquisa, reformulando-os frente ao material coletado. Iniciou-se com leitura exaustiva do material coletado, correlacionando-o ao objetivo do trabalho e seus pressupostos teóricos, determinando unidades de registro (palavras chave ou frases), unidades de contexto (contexto de compreensão da unidade de registro), recortes, a forma de categorização.

2ª. Exploração do material: Consistiu na operação de codificação, na transformação dos dados brutos, visando alcançar os núcleos de sentido e compreensão do texto. Realizou-se a agregação dos dados em categorias que especificam determinados temas.

3ª. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: nesta fase buscou-se o significado das falas dos sujeitos, possibilitando reflexões sobre processo sócio histórico no qual as palavras e expressões são produzidas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 Análise e discussão das entrevistas realizadas com professores

Inicialmente iremos apresentar os dados referentes às entrevistas com professores. O quadro abaixo apresenta as características dos sujeitos participantes:

Quadro 01: Descrição dos dados pessoais dos professores entrevistados

Sujeitos	Sexo	Idade	Escolaridade	Disciplina que leciona	Número de aulas dados por semana a cada série.	Tempo de permanência na escola
A	F	31a	3º grau com.	Inglês	2	4 anos
B	M	35a	Pós grad.	História	3	2 meses
C	F	25a	Pós grad.	Matemática	5	1 ano
D	F	28a	3º grau com.	Geografia	2	1 ano
E	F	38a	3º grau com.	Ciências	3	2 anos
F	M	35a	3º grau inc.	Edu. Artística	1	1 ano
G	F	44a	mestrado	Português	6	16 a

Dos 7 professores entrevistados, a maioria é do sexo feminino, sendo apenas dois do sexo masculino. Com idade entre 28 a 44 anos. O tempo de permanência na escola foi de 2 meses a 16 anos. A maioria tem curso superior completo, apenas um ainda está no processo de graduação. O número de aulas dadas a cada turma por semana esteve entre 1 a 6 aulas.

Através das entrevistas com os professores foi possível analisar as seguintes categorias:

Quadro 02: Relação 1 das variáveis investigadas e suas respectivas descrições

1. Familiaridade com o fenômeno	Refere-se ao conhecimento do professor sobre a existência do <i>bullying</i> .
2. Representações sobre o fenômeno	Refere-se às representações, idéias que os professores tem sobre o <i>bullying</i> .
3. Identificação de situações em que ocorre o fenômeno	Refere-se à identificação dentro das salas de aula de ocorrência do <i>bullying</i> .
4. Explicações sobre o fenômeno	Refere-se às possíveis explicações do professor para ocorrência do <i>bullying</i> .
5. Intervenções realizadas.	Refere-se às atitudes e ações tomadas frente ao fenômeno.

A 1ª questão aborda a familiaridade do professor com o *bullying*, ou seja, o conhecimento do professor sobre a existência do mesmo. Nota-se que apenas 3 professores disseram ter ouvido falar ou ter lido algo sobre o fenômeno, sem, no entanto, saber exatamente do que se tratava. Um destes entrevistados mostrou um conhecimento inadequado do assunto, tratou o *bullying* como à imagem que o jovem tenta transmitir, a tentativa de afirmar sua identidade deixando sua marca.

Embora não soubessem do que se tratava o termo *bullying*, a partir da explicação geral, era imediato o reconhecimento de sua existência no contexto escolar. O que se explica pelo fato de que o termo *bullying* é recente no Brasil, embora a prática de ações e atitudes agressivas, intencionais e repetidas, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, executados dentro de uma relação desigual de poder, o que caracteriza o fenômeno, seja comum no contexto escolar.

Constatado que nenhum dos professores sabia de que realmente se tratava o *bullying*, foi lhes dado uma explicação geral sobre o tema. E a partir daí deu-se seguimento à entrevista.

A 2ª questão investiga as representações acerca do fenômeno. Perguntados sobre o que achavam do *bullying*, a maioria dos entrevistados, respondeu esta questão fornecendo explicações para o mesmo, antecipando a questão de número 5. Sendo possível agrupar as respostas nas seguintes categorias:

Falta de estrutura familiar: Esta categoria refere-se às respostas dadas pelos entrevistados que consideram o *bullying* como consequência dos problemas familiares, conflitos na relação pais e filhos, que se refletem em problemas de comportamento dos filhos.

(Professor D) “*É uma questão familiar, de comportamento [...]*”.

(Professor E) “*Comum, começa na relação pais e filhos, da degradação marido e mulher, falta de orientação para os filhos [...]*”.

(Professor G) “*Falta [...] de berço. Em casa pai briga com a mãe e isso quando tem pai, ou mãe*”.

Falta de estrutura social: Esta categoria refere-se às repostas dadas pelos entrevistados que consideram o *bullying* como consequências de problemas sócios

econômicos, acreditam que o fenômeno seja mais freqüente na população de baixa renda, exemplificam afirmando que dão aulas para escolas de níveis sociais diferentes e percebem que são diferentes as relações estabelecidas. Ou ainda que seja reflexo das relações sociais, no que se diz respeito à violência generalizada atualmente em nossa sociedade.

(Professor E) *“percebe mais na classe mais baixa”*.

(Professor F) *“[...] mas é problema de comportamento, de falta de estrutura social”*.

(Professor G) *“Acredita o fenômeno é conseqüência da violência generalizada que se instalou na sociedade [...], reflexo das relações sociais”*

Necessidade de maiores estudos: Esta categoria refere-se às respostas dadas pelos entrevistados que consideram que o fenômeno deva ser mais estudado e trabalhado, na tentativa de buscar soluções para o mesmo, devido sua relevância no contexto escolar, e por este se refletir negativamente na aprendizagem.

(Professor A) *“Interessante estudar, buscar soluções”*.

(Professor B) *“Precisa ser mais trabalhado, porque isso machuca e maltrata as pessoas, pode até cercar a aprendizagem [...]”*.

Um dos entrevistados respondeu a questão através da comparação entre as séries, afirmando que nas séries iniciais, como na 5ª e na 6ª séries o fenômeno é mais freqüente, devido à falta de idade e conseqüente imaturidade dos alunos.

(Professor C) *“Na 8ª série não vê muito, pois os alunos já estão mais maduros, existe mais com os menores”*.

Foi possível perceber contradições na fala de um dos sujeitos da pesquisa, que diz que em outras escolas não existe o problema, em seguida afirma que o problema não é questão de localização.

(Professor D) *“É uma questão familiar, de comportamento, afirma ter outras escolas que não são assim, mas não é questão de localização”*.

A 3ª e 4ª questões verificam se os professores identificam situações de ocorrência do *bullying* na escola. A maioria afirma que o *bullying* é muito freqüente na sala de aula, sendo realizado através de humilhações, chacotas, apelidos, discriminações quanto tipo físico, a suspeita de homossexualismo, e com alunos mais tímidos, os que nunca reagem, ou os que reagem mais facilmente, e de forma explosiva a certas “brincadeiras”. Que o problema se inicia no começo da aula geralmente com tapinhas na cabeça, roubo de materiais escolares. O entrevistado E citou que às vezes os próprios professores são agredidos pelos alunos.

(Professor A) *“Tem bastante, situações de reclusão, discriminação, esta se dá pelas atitudes, isolamento, chacota, por exemplo chamar o colega de bobo, bobinho. Normalmente os mais retraídos são ofendidos, e não tem atitude de se defender”*.

(Professor C) *“6ª série existe mais, tem chacotas com relação ao homossexualismo e com os mais tímidos”*.

(Professor D) *“Começa no início da aula com algumas brincadeiras, dão tapas, põe o pé para o outro tropeçar, pega a caneta, e assim vai”*.

(Professor E) *“percebe agressões dos alunos para os alunos e dos alunos para os professores. A freqüência é alta começa com uma bobagem, do tipo sua mãe tá lá esquina vai lá, e vai crescendo, se o professor não interferir fica pior”*.

(Professor G) *“É muito freqüente, no dia a dia, nos diálogos estão presentes humilhações, apelidos, chamam uma que é magra de Olívia Palito, outra que é gorda de baleia. Há muita troca de ofensas e de agressões verbais”*.

Nota-se que o fenômeno é percebido principalmente através de agressões verbais, que foi mais identificado com os alunos da 6ª série; já na 8ª série não identificam o *bullying* de aluno para outro aluno, mas sim de um grupo feminino, composto de adolescentes mais extrovertidas, que discriminam e fazem brincadeira com os alunos que são mais tímidos.

(Professor B) *“Não identifico na 8ª série [...], identifico na 6ª série”*.

(Professor C) *“Vejo a 8ª série como pouco agressivos, são agitados, mais são unidos, tem uma relação boa. Porém há panelinhas, das meninas para com os meninos. Na 6ª série existe mais.[...]”*.

(Professor E) *Na 8ª série percebe que: “tem um grupo e se comunica melhor, bem e não se misturam, é restrito e tem outro que não assume posicionamentos. Existe um embate*

entre eles. Um faz graça com outro, o ativo com o passivo. O grupo passivo é o feminino e o ativo o masculino”.

Percebe-se ainda que ao citarem nomes de possíveis alunos alvos de *bullying*, para que posteriormente pudessem ser entrevistados, e explicarem o motivo pelo qual os consideram nesta condição; fazem de forma que fica evidente que estes alunos estão estigmatizados dentro da instituição, pois apresentam determinados atributos que os diferenciam depreciativamente dos demais alunos. A incorporação do rótulo por estes alunos compromete sua auto-estima, seu auto-conceito, podendo até reduzir suas chances de aprender. Para exemplificar podemos citar as falas de alguns sujeitos, que ao citarem os nomes de alguns alunos possíveis alvos de *bullying*:

(Professor C) *“Tem na 6º série, com aluno D, ele é tímido”.*

(Professor D) *“Aluna B tem problemas se irrita facilmente, nervosa, grita quando mexem com ela, antes chorava”.*

(Professor E) *“Na 6º série tem a aluna C é chorona. E na 8º série: é generalizado. Tem o aluno A : ele é nervoso, jogou a cadeira uma vez, de tanto implicarem com ele, os alunos fazem gracinha na intenção de provoca-lo, ficam fazendo graça com seus familiares”.*

(Professor G) *“Aluna C: desorganizada, violenta, daí mexem com ela, isto se dá devido a família, apanha demais. E aluna B: tem dificuldade de aprender”.*

Segundo Goffman (1982):

“O termo estigma seria criado pelos gregos para designar sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de mal sobre o status moral de quem os apresenta. A pessoa tornava-se marcada , ritualmente poluída, que devia ser evitada, especialmente em lugares públicos.” (GOFFMAN, 1982, p.12)

O estigma surge a partir do momento que uma determinada sociedade estabelece meios para categorizar as pessoas e atributos considerados como comuns e naturais para os membros de determinadas categorias. Um estranho seria aquele que tem alguma característica que o torna diferente de outros. Este deixa de ser visto na sua totalidade passando a ser desacreditado, diminuído. Tal característica é um estigma, este termo é usado em referência ao atributo depreciativo, que pode ser relacionados a diferenças corporais, a características de caráter individual, ou estigmas tribais de raça, nação ou de religião.

Observou-se ainda que também os professores tentaram justificar a discriminação, a exclusão, apontando características negativas que levariam os alunos a serem alvos de *bullying*, colocando a culpa nestes alunos.

A 5ª questão aborda sobre as possíveis explicações que os entrevistados atribuem ao *bullying*. Muitos haviam respondido esta questão quando indagados sobre o que pensavam sobre o fenômeno na questão 2, então apenas complementaram suas respostas. Pontua-se que um mesmo entrevistado apresenta mais de uma explicação. Sendo possível agrupar as respostas nas seguintes categorias:

Falta de estrutura familiar: esta categoria refere-se às respostas dos entrevistados que acreditam que o *bullying* seja consequência de problemas familiares, de falta de identidade familiar, de famílias que não oferecem referências de comportamento adequado, que não colocam limites nos filhos, que dão muita liberdade aos mesmos.

(Professor C) “*Pouca identidade de família*”.

(Professor D) “[...] *pode ser a família, a família tem que pegar firme, ter liderança, por limites*”.

(Professor E) “*É problema familiar*”.

(Professor F) “*Falta de estrutura familiar, falta de referência sobre sociedade, não conseguem dialogar*”.

(Professor G) “*É consequência da desestruturação familiar, mulher bate no filho, no marido, não quer saber de criar o filho*”.

Auto valorização: esta categoria refere-se às respostas dos entrevistados que acreditam que os praticantes do *bullying* o façam na tentativa de se auto-valorizar, de se acharem mais capazes e inteligentes que os outros alunos.

(Professor A) “*Fazem no sentido de auto-valorização, sentem-se mais capazes, mais espertos, mais inteligentes, conhecedores de mais coisas*”.

(Professor B) “[...] *acham que isto dá um crescimento, se sobressaem sobre os outros*”.

Localização: esta categoria refere-se às respostas dos entrevistados que acreditam que o *bullying* seja reflexo do bairro em que se situa a escola, constituído de uma população de baixa renda.

(Professor F) “*Tem que levar em conta a questão do bairro que estão*”.

Violência: esta categoria refere-se às respostas dos entrevistados que acreditam que o *bullying* seja reflexo da violência que vivenciam, seja nas ruas, nos filmes que assistem, nos jogos de vídeo-game.

(Professor C) “[...] *vivenciam realidade das ruas, filmes violentos, jogos violentos de vídeo game*”.

Idade: esta categoria refere-se às respostas dos entrevistados que acreditam que o *bullying* seja reflexo da pouca idade dos alunos, e conseqüentemente pouca maturidade dos mesmos.

(Professor D) “[...] *se devido à idade*”.

Falta de interesse na aula: esta categoria refere-se às respostas dos entrevistados que acreditam o *bullying* surja devido à falta de interesse dos alunos na aula, em qualquer brincadeira torna-se mais interessante que a aula.

(Professor B) “*Falta de interesse na aula, se perdem na crítica aos companheiros*”.

A 6ª questão investiga as atitudes e ações dos professores frente ao fenômeno. Apenas o entrevistado C diz não intervir, e se justifica alegando que os próprios alunos alvos de *bullying* não se manifestam nem se importam.

(Professor C) “*Não faço nada, pois os alunos que sofrem não se importam*”.

A não reação dos alunos pode estar ligada ao fato de que por uma construção social, os adolescentes tendam a se organizarem em grupos. E os grupos tendem a funcionar com dispositivos que delegam um lugar para seus membros, com base em padronizações sociais. Aqueles que se diferenciam são excluídos do grupo. Assim, muitos sujeitos suportam relações

violentas, como o *bullying*, sem se manifestar, porque buscam um lugar no grupo, um lugar social.

Os professores que dizem intervir nestas situações, o fazem chamando a atenção, dizendo o que é certo e o que é errado, estes julgamentos estão baseados valores pessoais, que se constituem a partir de valores morais e sociais.

(Professor A) *“Intervém dizendo que não é assim, dizendo que o grupo dos mais bobinhos se não falam é porque não querem falar, não sentem necessidade de falar para todos suas experiências, guardam para si”*.

(Professor D) *“Não sento em sala de aula, chamo a atenção toda hora”*.

(Professor F) *“Faz intervenção direta, chama a atenção, se deixar os alunos manipulam a aula o tempo inteiro”*.

(Professor G) *“Tento conversar com eles, como converso com meus filhos. Tento educa”*.

O sujeito G e E diz que quando há agressão física separa, este último reitera que percebe que os professores não estão preparados para lidar com tal situação, e conclui que quando estudava não havia desrespeito ao professor.

(Professor G) *“Tento intervir, se for agressão física separo, às vezes até me sobram tapas”*.

(Professor E) *“Se houver agressão física ela separo. [...] o professor não tem preparo para estas situações, age por instinto. [...] Fui criada em um época que não se respondia aos professores”*.

Durante as entrevistas em muitos momentos foi possível sentir a necessidade que o professor tem de falar de suas dificuldades em sala de aula, de seus conflitos com os alunos. Assim sugere-se a realização de pesquisas que busquem ouvir como está a questão do trabalho do professor em sala de aula.

A análise das entrevistas permite refletir sobre o quanto, no cotidiano escolar, estão presentes preconceitos e juízos prévios sobre alunos e suas famílias. Há uma tentativa de isenção de responsabilidade da escola, já que os discursos estão desconectados do contexto escolar. E centram as causas do *bullying* em qualquer outro seguimento seja o aluno ou a família, haja vista que apenas o entrevistado B atribui a explicação do *bullying* como consequência da falta de interesse na aula. Para Collares e Moyses (1996) este tipo de atitude imobiliza, constitui um obstáculo ao avanço de discussões, da busca de propostas imediatas e

a longo prazo, de transformação da instituição escolar e do processo pedagógico. Nada constrói, não possibilita a transformação desta realidade.

A explicação dos professores para o *bullying*, bem como sua maneira de intervir, são muitas vezes alicerçadas em preceitos ideológicos sobre família e sobre violência. O perigo desta configuração ideológica e que impede reflexões críticas sobre o fenômeno como também sobre próprio contexto escolar e prática dos professores, o que conseqüentemente termina por reproduzir pressupostos discriminatórios sociais.

A família que aparentam ter como padrão é abstrata, fruto de construções ideológicas das quais nem tem consciência. Conforme as mesmas autoras, os professores revelam de modo geral desconhecimento da vida concreta de seus alunos. Quando este existe, não costuma ser usado com o intuito de compreender o aluno como um sujeito total, singular, mas geralmente alimenta preconceitos, alicerçando estigmas preexistentes.

Pensar em termos de padrões normais de família (idealizados), ignorando suas origens e transformações. E também que padrões aceitos de família se transformam de acordo com o momento histórico da humanidade, seguindo interesses políticos, e socioeconômicos, e que as famílias se constituem concretamente na sua heterogeneidade, com sucessos e fracassos, cumpre funções importantes ao sistema social. Pois crer em mitos e preconceitos que coloquem nas pessoas a responsabilidade por sua desigualdade, em uma sociedade que prega igualdade entre homens e que na verdade se constrói sobre desigualdades, é essencial para manutenção do sistema. (COLLARES E MOYSES, 1996)

Este trabalho não pretende negar a influência da família na constituição da subjetividade dos sujeitos, haja vista que enquanto espaço privado é onde se dão as primeiras relações sociais. Agindo de forma intensa na formação do ser humano. No entanto, depositar na família a culpa pelos problemas de seus membros, é negar a própria subjetividade e suas multideterminações, no qual a escola é espaço fundamental na constituição e desenvolvimento subjetivo, não apenas na aquisição de conhecimento e capacidades, como também espaço de socialização, de contato com a produção cultural do homem em seu sentido mais amplo e de múltiplas interações sociais. (MARTINEZ, 2001)

4.2 Análise e discussão das entrevistas com os alunos

Quadro 03: Descrição dos dados pessoais dos alunos entrevistados

Sujeitos	Sexo	Idade	Escolaridade	Repetição de alguma série.	Abandono de estudos	Iniciou na escola em:	Religião
A	M	14a	8° série EF	Não	Não	2005	Não tem
B	F	12a	6° série EF	Não	Não	2000	católica
C	F	14a	6° série EF	Sim, 5° série	Não	2001	evangélica
D	M	11a	6° série EF	Não	Não	2002	evangélica

Dos 4 alunos entrevistados, 2 são do sexo masculino e 2 do sexo feminino, com idade entre 11 e 14 anos. Destes, 3 estão cursando a 6° série do Ensino Fundamental e 1 a 8° série do Ensino Fundamental (EF). Apenas uma aluna alega ter repetido a 5° série do Ensino Fundamental. Não houve abandono dos estudos por nenhum deles. O tempo de permanência na escola variou de 1 a 5 anos. Nota-se que todos moram no mesmo bairro, no qual se localiza a escola. Apenas um dos entrevistados mora com apenas com a avó e não tem irmãos, o restante mora com pai e mãe e irmãos.

Através das entrevistas com os alunos foi possível analisar as seguintes categorias:

Quadro 04: Relação 2 das variáveis investigadas e suas respectivas descrições

1. Rotina do aluno	Refere-se às atividades diárias que o aluno realiza.
2. Relações familiares	Refere-se ao relacionamento do aluno com sua família, na qual se investiga a existência de atritos e os motivos dos mesmos.
3. Sociabilidade	Refere-se à quantidade de amigos que o aluno diz possuir.
4. Relações na escola	Refere-se aos relacionamentos dos alunos com o contexto escolar, no qual se investiga o que o aluno gosta e não gosta na escola, e seu relacionamento com alunos, professores e funcionários da instituição. Se existem atritos quais seriam os motivos dos mesmos.
5. Representação de si próprio	Refere-se à forma como o aluno se auto-define, a imagem que tem de si próprio, as características que considera marcantes, qualidades e defeitos.
6. Representação que os outros tem de	Refere-se à imagem que o entrevistado

si	acredita que seus familiares, professores e colegas fazem de si.
7. Situações de discriminação	Refere-se à vivência de situações de discriminação dentro da sala de aula, e como foi a reação a estas situações.
8. Sexualidade/afetividade	Refere-se às vivências afetivas dos entrevistados, no qual se investiga se estes já namoraram ou ficaram, se já gostaram de alguém, se já “levaram um fora”, e como reagiram e este.

A primeira questão faz referência à rotina dos alunos. Nota-se que nos dias de semana vão à escola pela manhã. Nenhum deles exerce qualquer atividade remunerada no período da tarde. Neste período, dormem, brincam e assistem televisão, sendo que os meninos dizem ajudar diariamente na realização das tarefas domésticas, vendo tal atividade como uma forma de trabalho. Uma das entrevistadas passa à tarde na casa da avó enquanto a mãe trabalha, retornando para a casa no final da tarde. Nenhum dos entrevistados referiu-se ao estudo e realização de tarefas escolares como parte de sua rotina. Nos fins de semana apenas uma das entrevistadas tem o costume de passear, costuma ir ao shopping com as amigas, o restante fica em casa. Faz parte da rotina de outra a ida a Igreja semanalmente.

A segunda questão aborda as relações familiares, todos afirmam ter um bom relacionamento familiar, com exceção de uma entrevista que apresenta conflitos com o pai e irmãos, inclusive um dos professores entrevistados, fez menção que esta aluna é agredida fisicamente pelo pai. Ela ainda comentou que os pais brigam muito entre si.

A terceira questão trata das relações no contexto escolar. Primeiramente se investigou o que gostam e o que não gostam na escola. Três dos alunos se referiram as amizades como o que mais gostam na escola, inclusive um destes entrevistados disse não gostar de nada na escola, apenas conversar com os amigos. Apenas um mencionou gostar de estudar, sendo que não gostaria de ser reprovado. Com relação ao que não gostam as respostas foram diversificadas. Um disse não gostar do desrespeito dos alunos com os professores, outra do sermão dos professores. Mas o que mais chama atenção é a resposta de uma entrevistada que citou como o que menos gosta dentro da escola é de apanhar dos outros alunos, afirmando que o motivo para tal agressão seria o fato de usar óculos e as brincadeiras e apelidos que surgem em consequência disto, sendo que apelidar, bater, discriminar são

ações presentes em situações de *bullying*. Ela disse não procurar ajuda dos professores porque não adiantaria, pois estes não fazem nada. Que chegou a contar para o pai, este procurou a escola, no entanto nada se resolveu. Nota-se que a escola não está preparada para lidar com tais questões, que muitos educadores se omitem, o que pode levar a um agravamento da situação, tendo como consequência adoecimento do aluno envolvido. Neste caso a situação é ainda mais agravante, já que há suspeita que esta adolescente também apanhe em casa.

Ainda investigando as relações dentro da escola, percebe-se que nenhum dos alunos teve atritos com os funcionários, apenas uma teve atritos com os professores. O que revela diferença na percepção dos sujeitos, não dentro do seu próprio grupo, mas entre os grupos de professores e alunos, haja vista que professores apontam nos alunos e na família a causa dos problemas, enquanto que os alunos apontam um nos outros seus problemas. Já com relação aos alunos, duas entrevistadas disseram já ter tido atritos, motivados por ofensas que lhe foram dirigidas, no caso de uma o ofensa foi dirigida à mãe que mora em outro país, e da outra devido aos apelidos que tem por usar óculos. Segundo elas tais ações se repetem, o que pode se caracterizar como *bullying*.

A sociabilidade, entendida como a rede de relações que o sujeito estabelece com o outro, pode ser percebida a partir de suas relações com família, escola e amigos. Nota-se que na escola apenas uma entrevistada afirma ter muitos amigos, no entanto apresenta muitos problemas com grande parte dos alunos da escola. Apenas um sujeito disse não ter problemas com os colegas, contudo afirma não brincar fora de casa pois “brincar demais dá briga”, o que pode ser indício de conflitos com os amigos fora da escola. Embora os entrevistados tenham atritos com os colegas, quando se trata da relação com familiares, apenas um dos sujeitos da pesquisa apresenta maiores conflitos. Este dado sugere que as relações se diferenciam a partir da esfera social na qual se estabelecem, assim embora os sujeitos estabeleçam relações negativas em determinados contextos, mas tenham espaços em que possam vivenciar relações saudáveis, estas podem fornecer subsídios para enfrentamento e transformação daquelas.

A quarta questão investiga a representação de si, sendo esta, um dos importantes aspectos na construção da identidade de cada sujeito. Em geral os entrevistados consideram-se mais tímidos. Dois apresentaram sua auto-definição de forma estigmatizada, o que revela a introjeção da marca, que passa a dizer quem a pessoa é, o que se evidencia na fala de entrevistada C que se auto-define como uma pessoa que usa óculos. No entanto, com exceção do sujeito D que apenas se definiu como uma pessoa calada, todos trouxeram algumas características positivas em sua auto-definição, o que revela elementos para superação e enfrentamento da situação de *bullying*.

A quinta questão aborda as representações que o outro tem de si, outro elemento importante na construção da identidade. Segundo Romero (1998) o auto-conceito surge a partir do que o outro pensa de nós, a própria representação de si recolhi imagens que os outros tem de nós, imagem tal que está impregnada de valores sociais. Três dos entrevistados disseram que os professores diriam que são ruins de matéria, o revela uma imagem negativa, que está relacionada aos valores sociais e ideológicos atribuídos ao sucesso e fracasso escolar.

Enquanto que os familiares os vêm de forma positiva, e em geral relacionado ao bem comportamento na sala de aula. Apenas uma entrevistada traz em sua fala imagem negativa que sua família tem de si, como burra e retardada, o que revela novamente a incorporação do rótulo, que permeia todo seu discurso.

A sexta questão trata da vivencia de situações de discriminação. Apenas um disse nunca ter se sentido discriminado, o que revela a imagem distorcida que os professores fazem deste aluno, haja vista que foram eles que identificaram possíveis alvos de *bullying*. O restante de imediato disse já ter se sentido discriminado em algum momento, uma devido ao uso dos óculos, a outra quando a mãe foi embora e com as chacotas dos alunos que vieram posteriormente. E o outro pelas brincadeiras dos colegas. Destes todos reagem de forma revidar a situação de discriminação, com agressões verbais e até sob forma de agressão física.

A sétima questão faz referência à sexualidade e afetividade, que não podem ser vistas de forma dissociada. Nota-se que dois dos entrevistados disseram nunca ter tido nenhuma tipo de experiência amorosa, nem se ter gostado de ninguém. Já os outros disseram já ter gostado, e destes uma já namorou.

O processo de análise das entrevistas realizadas com os alunos permitiu identificar formas diferenciadas de relação destes com o fato de serem possíveis alvos de *bullying*, ou pelo menos com o fato de serem estigmatizados e por vezes discriminados na escola, o que é perceptível na fala dos professores, ao descreverem quais alunos poderiam ser vítimas de tal fenômeno.

(Professor D) *aluna B: “pois ela tem problemas, se irrita facilmente, fica nervosa, grita quando mexem com ela, antes chorava”.*

(Professor E) *aluno A: “pois ele é nervoso, jogou a cadeira uma vez, de tanto implicarem com ele, os alunos fazem gracinha na intenção de provoca-lo, ficam fazendo graça com seus familiares.*

(Professor G) *aluna C: “pois é desorganizada, violenta, daí mexem com ela, isto se dá devido a família, ela apanha demais”.*

Percebe-se nos sujeitos alunos, formas diferenciadas de significar e vivenciar tal situação.

Assim o aluno A, não se percebe como vítima de discriminação, e afirma que seu relacionamento na escola com alunos, professores e funcionários é bom, que nunca teve atritos na escola. Apresentando auto-imagem positiva:

“Característica marcante é o respeito pelo outro e qualidade é estudar”

A aluna B, já se viu como vítima de discriminação, já teve atritos com alunos e funcionários, e reage a tais situações, revidando. Contudo, apresenta auto- imagem positiva.

“Já tive atritos com alguns alunos, tiveram alguns alunos com quem briguei, porque ficavam me xingando, falavam mal de minha mãe”.

Característica marcante: *“sei la, acho que bonita”.*

Já a aluna C, é que mais preocupa, pois já se viu e se vê vítima de discriminação, que não se dá apenas na escola como também em casa. Tem atritos com os alunos, sofre com tudo isto, reage de forma a revidar por meio também de violência. E apresenta auto- imagem negativa, na qual o estigma aparece internalizado.

Característica marcante: *“magra e uso óculos”.*

Imagem que familiares tem de si: *“burra e retardada”.*

O aluno D, embora afirme nunca ter atritos com ninguém na escola, mostra que quando se sentiu discriminado revidou também com violência. E também como aluna C, demonstra que incorporou o estigma.

“Daí me defendi, disse que não tinha sido eu, e dei um murro neles”.

Característica marcante: *“ser calado”.*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a investigar o *bullying* que se apresenta como um tipo específico de violência escolar entre os alunos, que explicita uma relação desigual de poder. Este fenômeno reforça os padrões de normatização, constituídos a partir da subjetividade social, ou seja, de um conjunto de crenças, valores, representações, construídos pelos Homens ao longo de sua história, que atravessa e se singulariza de forma única na subjetividade individual.

O *bullying* se apóia em um conjunto de determinantes sociais, no qual, os Homens definiram determinadas características como positivas e outras como negativas. Aqueles que apresentam as chamadas características depreciativas, recebem uma marca, um estigma, estes sujeitos estão mais suscetíveis a serem alvos de *bullying*.

Um dos elementos constitutivos deste fenômeno é tendência à homogeneização do sistema de produção capitalista, que se remete a uma visão liberal do Homem, que tem como elemento central a valorização do individualismo. No qual todos os Homens são iguais e possuidores de direitos derivados de sua natureza humana. Logo há uma tendência à padronização, que alimenta a dificuldade de lidar com a alteridade do outro, ou seja, com a singularidade humana.

Quando não se reconhece a humanidade no outro, há uma banalização do mesmo, de seu sofrimento, dificuldades, tornando-se impossível lidar com as diferenças, que passam a serem vistas como desigualdades. Este processo desencadeia ações de discriminar, pautadas em julgamentos valorativos que hierarquizam os sujeitos, levando ao estabelecimento de relações de objeto. É aqui que se encontra a origem do *bullying*.

Ao ver o outro como objeto, cria-se uma relação de poder, legitimada por meio de discursos ideológicos, que expressam interesses concretos e historicamente produzidos pela sociedade. Para Foucault (2002), em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso.

O sistema educacional, contribui para reproduzir a ordem social hegemônica, é uma esfera da vida social permeada por relações de poder, na qual *bullying* deve se encarado como uma relação de poder baseada na dominação, que se dá pelo uso da violência física e/ ou simbólica.

Hannah Arendt (1994), desloca de sua análise a temática do emprego e aplicação do poder para pensar na sua criação e manutenção. Para ela embora as relações de poder sejam

vistas na ótica da dominação e da submissão, na obediência garantida pela sombra da violência, esta muitas vezes considerada como a mais flagrante manifestação de poder, somente quando assuntos públicos deixam de ser reduzidos à questão de domínio, é que se percebe a diversidade dos assuntos humanos, que há espaço para se perceber, respeitar e aceitar a singularidade de cada um. O poder seria então correspondente à habilidade humana para agir em concerto, ou seja, de pertencer a um grupo, existindo apenas em quanto um grupo conserva-se unido. É resultante da ação em comum fundada na livre troca de opiniões divergentes, correspondendo à condição humana da pluralidade.

A partir da análise das entrevistas dos professores e alunos, nota-se que há uma relação conflitiva, de ambivalência, em que os professores não conseguem reconhecer a singularidade de cada aluno, e se o fazem é no sentido de reforçar as desigualdades e características depreciativas dos alunos e sua família. Os professores apontam os alunos e suas famílias como causa dos problemas escolares, enquanto que os alunos apontam nos próprios alunos a causa de seus conflitos na escola.

A escola tem funcionado como reprodutora de determinados padrões sociais. Os professores legitimam o *bullying* através do discurso ideológico, que permeia a subjetividade social, colocando a culpa pelo *bullying*, através da estigmatização de suas características, nos próprios alunos alvos de tal agressão e em suas famílias. Os alunos por sua vez, subjetivam-se através do sentido dado as relações que estabelecem com outro, nos diversos contextos em que se inserem. Neste espaço de discriminação, os mesmos podem acabar por introjetar os estigmas que lhes são dados, que inferiorizam sua características singulares.

Este processo pode ser vivenciado com demasiado sofrimento, no entanto, como foi possível perceber neste trabalho, os sujeitos conseguem encontrar recursos subjetivos de superação e enfrentamento destas situações. Opondo-se e criando espaços subjetivos alternativos àqueles que o constituem em sua própria subjetividade.

Ser alvo de *bullying*, marcará trajetórias diferentes de desenvolvimento subjetivo destes sujeitos, em função do significado e sentido que o *bullying* assume na subjetividade. Para Gonzalez Rey o impacto que um determinado contexto tem para o desenvolvimento da subjetividade, ou seja o sentido atribuído a este espaço, dependerá de suas características, das relações sociais nele desenvolvidas, como também das características subjetivas desenvolvidas anteriormente pelo sujeito, pelo sentido que a inserção neste contexto tem para ele, pelos recursos que dispõem para experimentá-la. Cabe ressaltar que :

“configuração subjetiva de um espaço social está constituída por elementos de sentido provenientes de outros espaços sociais, assim como pelos

elementos que caracterizaram esse próprio espaço em momentos anteriores” (González, 2003a, p.209).

A constituição e desenvolvimento da subjetividade se dão a partir da relação que estes adolescentes estabelecem em seus diferentes contextos de atuação a partir dos sistemas de comunicação que caracterizam estes contextos. As vivências emocionais geradas a partir de suas relações são decisivas para constituição de significados e sentidos que constituem a subjetividade. Assim por exemplo, o estabelecimento de relações saudáveis no contexto familiar e com alguns colegas de sala de aula, ajudam no enfrentamento e superação do *bullying*.

Compreender as formas complexas e diversas que a situação de *bullying* pode participar na constituição da subjetividade, é essencial para o desenvolvimento de ações educativas potencialmente mais efetivas para o enfrentamento do *bullying*.

Para os sujeitos investigados a escola tem sido um espaço social de desenvolvimento da insegurança, baixa auto-estima, de enfrentamento passivo e reprodutor da realidade. Quando deveria ser um espaço que contribuísse para a modificação de ideologias discriminatórias, acaba contribuindo para perpetuação destas, seja por atuação direta de seus agentes, ou pelo dia a dia na sala de aula.

É necessário a transformação deste contexto, pois na escola, enquanto espaço social estruturado, o sujeito tem a possibilidade de desenvolver inúmeras capacidades e a partir dos sistemas de comunicação em que participa e das vivências emocionais que experimenta, desenvolver valores, motivos, formas de ver o mundo, dentre muitos elementos que configuram a subjetividade.

Neste processo de mudança, delimita-se uma importante área de atuação da psicologia, a promoção de saúde na escola, que se dá através da intervenção nos conflitos da relação humana, buscando o estabelecimento de mais relações saudáveis. No qual se torne possível a resignificação das relações vividas como mantenedoras da exclusão. Para Bock e Neves (1995):

A intervenção do psicólogo deve se dar no sentido de criar condições para que os indivíduos apreendam sua determinação, sua história e seus conflitos, caminhando para a compreensão de si e do outro, menos preconceituosa, estereotipada e ideológica. (BOCK e NEVES, 1995, p.12)

O psicólogo deve trabalhar junto com os professores potencializando-os para que possam lidar com *bullying*. Para isto é necessário trabalhar com as determinações históricas de sua profissão, fazendo com que se percebam melhor, reconhecendo seus conceitos,

preconceitos, valores e como a subjetividade social relaciona-se dialeticamente com a subjetividade individual. Isto permite que atuem de maneira mais autêntica, colocando-se mais inteiros na relação com seus alunos, reconhecendo-os como sujeitos singulares.

Pontua-se a importância de uma discussão crítica sobre o Homem, a sociedade na formação de educadores e profissionais de saúde dentro das universidades, pois muitas vezes o profissional de saúde, no qual o psicólogo é um representante, acaba por reproduzir em sua atuação a concepção liberal do homem, que tem como consequência uma intervenção discriminatória e excludente.

O psicólogo deve trabalhar sobre tensões e conflitos nas relações, não as camuflando, reproduzindo práticas ideológicas, mas buscando desenvolver condições adequadas de vida e de relações mais saudáveis. Criando possibilidades para que o professor, técnicos, alunos, familiares, todos aqueles que compõem o contexto escolar possam transformar as formas de re-significarem a si mesmos e realidade que os cerca.

6 REFERÊNCIAS

- ABRAPIA. In www.abrapia.org.br. Acessado em 06/09/05.
- ABOUT A BOY. Direção: Chris Weitz e Paul Weitz. Produção: Tim Bevan, Robert De Niro, Brad Epstein, Eric Fellner e Jane Rosenthal. Universal Pictures / UIP Inglaterra. 2001. Legendas em português e inglês 1 DVD vídeo (105 min), legendado.
- ADRIANI, A. G. P. **O significado construído por jovens negros pertencentes a camadas populares sobre a escolha do futuro profissional.** In OZELLA, O. (org), **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio histórica**, SP: Cortez, 2003.
- AGUIAR, W. M.; BOCK, A. M. **A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de abordagem sócio- histórica.** In: BOCK, A. M.; FURTADO, O. (orgs.). **Psicologia sócio- histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2001.
- ARENDT, H.. (1958) **A condição humana.** São Paulo: Forense Universitária, 2002.
- ARENDT, H. Sobre Violência: Tradução e ensaio crítico André Duarte. RJ: Relume e Dumará, 1994.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOCK, A. M. **A Psicologia Sócio Histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia.** In: BOCK, A. M.; FURTADO, O. (orgs.). **Psicologia sócio- histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2001.
- BOCK, A. M. B. ; NEVES, W. J. **Por uma prática promotora de Saúde em Orientação Vocacional.** In **A Escolha Profissional em Questão.** SP: Casa do psicólogo, 1995.
- BORGES, L. J. **Escola e disciplina: uma abordagem foucaultiana,** 2005. Disponível em www.uem.br/~urutagua/ru_educacao.htm. Acessado em 11/10/05.
- CALIL, M. I. **Do menino de rua a adolescente: análise sócio- histórica de um processo de resignificação do sujeito.** In OZELLA, O. (org), **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio histórica**, SP: Cortez, 2003.
- CARLOS, A.C. O processo grupal. In JACQUES e STREY (orgs). **Psicologia social contemporânea.** Petrópolis: Vozes, 2001.

- CARRETEIRO, T. C. **Dossiê: Fronteiras entre a psicanálise e a psicologia social.** Psicologia. USP. vol. 14 no. 3. São Paulo: 2003. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642003000300006In. Acessado em 11/10/05.
- COLLARES, C. A.L.; MOYSES, M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização.** SP: Cortez, 1996.
- DREYER, D. **Revista on line @. Educacional,** 2005. Disponível em www.educacional.com.br. Acessado em 19/06/2005.
- FANTE, C., **Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz,** Ed Versus, 2002. Disponível em www.projetoeducacao.com.br. Acessado em 25/05/2005.
- FURTADO, O. **O psiquismo e a subjetividade social.** In: BOCK, A. M.; FURTADO, O. (orgs.). **Psicologia sócio- histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2001.
- FOUCAULT, Michel. (1979) **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa.** SP: Atlas, 1996.
- GONÇALVES, M.A. M., **Concepções da adolescência veiculadas pela mídia televisiva.** In OZELLA, O. (org), **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio- histórica.** SP: Cortez, 2003.
- GONZÁLEZ REY, F. L.. (2003a). **Sujeito e subjetividade.** São Paulo: Thomson, 2003.
- GONZÁLEZ REY, F. L. (2003b). **Epistemología Cualitativa y Subjetividad.** São Paulo: Educ, 2003.
- GOFFMAN, I. **Estigma: notas sobre manipulação e identidade deteriorada.** RJ: Zahar, 1982.
- JACQUES, M.A., **Identidade.** In GUARESCHI (org), **Psicologia Social Contemporânea,** Petrópolis: Vozes, 2001.
- LANE, S.T.M. e CAMARGO, D. **Contribuição de Vygotski para o estudo das emoções.** In LANE, S. T. M. E SAWAIA, B.B. (orgs.). **Novas Veredas da Psicologia Social.** SP: Braziliense. EDUC, 1995.
- LIMA, L. Disponível em www.espacoacademico.com.br/043/43lima.htm. Acessado em 25/05/2005.
- MARTINEZ, A.M. **Trabajo Infantil y Subjetividad: Uma perspectividade necesaria,** Estudos de Psicologia, v.6(2): 235-244, 2001.

- MEAD, M. **Sexo e temperamento**. SP: Perspectiva, 1998.
- MINAYO, M.C.S., **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**, SP: Hucitec Ed;RJ: Abrasco Ed, 2000. (7°.ed).
- MONTEIRO, M. **Estratégias discursivas ideológicas**. In LANE, S. T. M. E SAWAIA, B.B. (orgs.). **Novas Veredas da Psicologia Social**. SP: Braziliense. EDUC, 1995.
- NEVES, M. **Uma contribuição da Psicologia Sócio Histórica proposta para a promoção de saúde**. In Encontro Regional da APRAPSO: psicologia e práticas sociais. Caderno de anais. Florianópolis, SC; UFSC,1996.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS), 1965. **Problemas de salud de la adolescência. Série de Informes técnicos**. Geneva: OMS, 308,29p. Disponível em [www. portalteses.cict.fiocruz.Br](http://www.portalteses.cict.fiocruz.Br). Acessado em 19/06/2005.
- OZELLA, S. **A adolescência e os psicólogos: a concepção e prática dos profissionais**, In OZELLA, O. (org). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio histórica**. SP: Cortez, 2003.
- ROMERO, Emilio. **As dimensões da vida humana: Existência e Experiência**. SP: Novos Horizontes Editora, 1998.
- SAWAIA, B. **Identidade- Uma ideologia separatista**. In Sawaia, B.(org.), **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- TEIXEIRA, L. C. **Sentido subjetivo da exploração sexual para uma adolescente prostituída**. In OZELLA, O. (org), **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio histórica**. SP: Cortez, 2003.
- TIROS EM COLUMBINE. Direção: Michael Moore. Produção: Charles Bishop, Jim Czarnecki, Michael Donovan, Kathleen Glynn e Michael Moore. Alliance Atlantis Communication / Dog Eat Dog Films / Salter Street Films International. EUA 2002. Legendas em português e inglês 1 DVD vídeo (120 min), legendado.
- VIGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. SP: Martins Fontes, 1996.

ANEXOS

ANEXO A: Roteiro de Entrevista semi estruturada com os professores

Dados Pessoais:

Sexo:

Idade:

Profissão:

Tempo de permanência na escola:

Disciplina que leciona:

Quantas aulas por semana leciona para 8^o série:

Escolaridade:

Investigar:

- 1) - Se conhece ou já ouviu falar sobre o fenômeno:
- 2) - O que acha sobre o fenômeno:
- 3) - Se identifica situações em que ocorre:
- 4) - Citar o nome e a série de alunos que identifica como alvos de bullying:
- 5) - Se tem uma explicação para sua ocorrência:
- 6) - Atitudes e ações tomadas frente ao fenômeno:

ANEXO B: Roteiro de entrevista semi-estruturada com os alunos

Dados pessoais:

Nome:

Data de nascimento:

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Bairro:

Data de entrada na escola:

Religião:

Composição familiar:’

Investigar:

- Rotina escolar e familiar;
- Relações familiares;
- Relações na escola com alunos, professores, funcionários;
- Representação de si próprio (como se vê, como se auto-define, quais seriam as características marcantes, defeitos e qualidades etc.);
- Representação que os outros tem de si (familiares e a escola);
- Situações de discriminação (como as relata e as descreve, como reage a estas situações, que aspectos da vida são afetados por estas relações);
- Sexualidade/ afetividade (já gostou, apaixonou- se por alguém, já ficou, namorou, já levou um “ fora”, como foi).

ANEXO C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa: *Bullying* e subjetividade: Estudo preliminar sobre Bulling em escola pública de Uberaba- MG

Aluna Responsável: Patrícia Paiva Carvalho

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciana Nogueira Fioroni

Eu, Patrícia Paiva Carvalho, estudante do 8º período de Psicologia, RA: 5016575, da Universidade de Uberaba, estou realizando um estudo, cuja finalidade é investigar o impacto do fenômeno *Bullying* na construção e desenvolvimento da subjetividade de adolescentes, considerando suas relações interpessoais.

O procedimento de pesquisa consistirá em entrevistas onde serão focados relacionamentos escolares e experiências de vida dos entrevistados.

Cabe ressaltar, que a identidade do voluntário será mantida em sigilo, sendo que, em nenhum momento este será quebrado.

O voluntário terá o direito de interromper sua participação na pesquisa em qualquer momento, sem que isso lhe acarrete nenhum prejuízo.

Os resultados da pesquisa poderão vir a ser publicados e/ou apresentados em congressos, ressaltando mais uma vez que em momento algum o voluntário será identificado.

Assinatura da aluna responsável

Assinatura da Orientadora.....

Eu,....., estando ciente dos objetivos da pesquisa, do termo de consentimento e esclarecimento, aceito participar voluntariamente desta atividade, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão. E estou ciente de que sou livre para desistir da participação em qualquer momento da entrevista. Concordo que os resultados possam vir a ser publicados ou apresentados em congresso.

Recebi uma cópia desse termo e a possibilidade de poder lê-lo.

Uberaba,..... de de 2005.

Assinatura.....

ANEXO D: Transcrição das entrevistas com os professores

Sujeito: A

Dados Pessoais:

Sexo: Feminino

Idade: 31 anos

Profissão: professor

Tempo de permanência na escola: desde 2001

Disciplina que leciona: inglês

Quantas aulas por semana leciona para 8^o série: 2 aulas

Escolaridade: 3^o grau completo

Investigar:

2. - Se conhece ou já ouviu falar sobre o fenômeno: *“Nunca ouvi falar sobre o fenômeno”*.
3. - O que acha sobre o fenômeno: *“Interessante estudar, buscar soluções”*. (perguntou quando surgiu).
4. - Se identifica situações em que ocorre: *“Tem bastante, situações de reclusão, discriminação, esta se dá pelas atitudes, isolamento, chacota, por exemplo chamar o colega de bobo, bobinho. Normalmente os mais retraídos são ofendidos, e não tem atitude de se defende”*r.
5. - Citar o nome e a série de alunos que identifica como alvos de bullying: *“Aluno A”*.
6. - Se tem uma explicação para sua ocorrência: *“Os que fazem, praticam, acham-se os bons. (muitas vezes como professores não entram no meio difícil de fazer pessoas pararem de fazer o que fazem, o que estão acostumadas a fazer, mudar pessoas é difícil). Fazem no sentido de auto-valorização, sentem-se mais capazes, mais espertos, mais inteligentes, conhecedores de mais coisas. Tem o grupo dos mais bobinhos, ingênuos, e o dos espertos, quando na verdade é o contrário. Os que se acham mais espertos acham que tem mais conhecimento de vida (pessoal e sexual)”*.
7. - Atitudes e ações tomadas frente ao fenômeno: *“Intervenho dizendo que não é assim, dizendo que o grupo dos mais bobinhos se não falam é porque não querem falar, não sentem necessidade de falar para todos suas experiências, guardam para si, os bobinhos são chamados de sonsos.”*

Sujeito B

Dados Pessoais:

Sexo: M

Idade: 35 anos

Profissão: professor

Tempo de permanência na escola: desde agosto de 2005, está substituindo outro professor.

Disciplina que leciona: história

Quantas aulas por semana leciona para 8^o série: 3 aulas

Escolaridade: pós graduação em história

Investigar:

1. - Se conhece ou já ouviu falar sobre o fenômeno: *“Já ouvi falar, num trabalho que foi realizado no Probem”*.
2. - O que acha sobre o fenômeno: *“Precisa ser mais trabalhado, porque isso machuca e maltrata as pessoas, pode até cercar a aprendizagem, criar uma barreira, o aluno por vergonha, medo de ser zoadado passa a não questionar, perguntar na sala de aula, não se interessar”*.
3. - Se identifica situações em que ocorre: *“Não identifico na 8^o série, até pelo pouco contato, identifico na 6^o série”*.
4. - Citar o nome e a série de alunos que identifica como alvos de bullying: *“Na 6^o série, identifico o aluno D”*.
5. - Se tem uma explicação para sua ocorrência: *“Falta de interesse na aula, se perdem na crítica aos companheiros, acham que isto dá um crescimento, se sobressaem sobre os outros. Mesmo com chacota, não deixam participar da aula, quando perguntam alguma coisa, e se está errada, colegas interferem e fazem piada”*.
6. - Atitudes e ações tomadas frente ao fenômeno: *“Tento levar, responder a pergunta, puxar a pergunta, que desvia do tema da aula, para o assunto da aula”*.

Sujeito C

Dados Pessoais:

Sexo: F

Idade: 25 anos

Profissão: professor

Tempo de permanência na escola: desde 2005

Disciplina que leciona: matemática

Quantas aulas por semana leciona para 8ª série: 5 aulas

Escolaridade: pós-graduação em matemática

Investigar:

- 1) - Se conhece ou já ouviu falar sobre o fenômeno: *“Já ouvi falar”, indagou se: “seria imagem que o aluno transmite, de marcar, tentar se vestir como um artista”.*
- 2) - O que acha sobre o fenômeno: *“Na 8ª série não vê muito, pois os alunos já estão mais maduros, existe mais com os menores”.*
- 3) - Se identifica situações em que ocorre: *“Vejo a 8ª série como pouco agressivos, são agitados, mais são unidos, tem uma relação boa. Porém identifica panelinhas, das meninas para com os meninos. Na 6ª série existe mais, tem chacotas com relação ao homossexualismo e com os mais tímidos”.*
- 4) - Citar o nome e a série de alunos que identifica como alvos de bullying: *“Tem na 6ª série, com aluno D, ele é tímido”.*
- 5) - Se tem uma explicação para sua ocorrência: *“Pouca identidade de família, vivenciam realidade das ruas, filmes violentos, jogos violentos de vídeo game”.*
- 6) - Atitudes e ações tomadas frente ao fenômeno: *“Não faço nada, pois os alunos que sofrem não se importam, as meninas acham os meninos feios desengonçados, mas ele não entram na delas, acham elas vulgares”.*

Sujeito D

Dados Pessoais:

Sexo: F

Idade: 28 anos

Profissão: professora

Tempo de permanência na escola: desde 2004

Disciplina que leciona: geografia:

Quantas aulas leciona por semana para cada 8º série: 2 aulas

Escolaridade: 3º Grau completo

Investigar:

1. - Se conhece ou já ouviu falar sobre o fenômeno: “*Não*”, no entanto a partir do momento que lhe expliquei o que era já disse: “*a sim existe na escola, os alunos chamam alguns alunos de bolinha, outros de vassoura*”.
2. - O que acha sobre o fenômeno: “*É uma questão familiar, de comportamento, tem outras escolas que não são assim, mas não é questão de localização*”.
3. - Se identifica situações em que ocorre: “*Começa no início da aula com algumas brincadeiras, dão tapas, põe o pé para o outro tropeçar, pega a caneta, e assim vai...*”
4. Citar nome e série de alunos que identifica como alvos de bullying:
“*6º série: aluno B: tem problemas se irrita facilmente, nervosa, grita quando mexem com ela, antes chorava. E aluno C. a: foi na 5º série, hoje não é mais.*”
Diz que na 8º série não tem, que “*são mais é preguiçosos*”.
5. - Se tem uma explicação para sua ocorrência: “*Não sei se devido a idade, pode ser a família, a família tem que pegar firme, ter liderança, por limites. Acham que podem tudo (alunos), eles tem liberdade para tudo, maioria é bem vestido, tem celular, pais dão tudo, pai dá tudo e não pede nada em troca, dá até o que não tem, faz com que percam limites*”.
6. - Atitudes e ações tomadas frente ao fenômeno: “*Não sento em sala de aula, chamo a atenção toda hora, tem que ter muita paciência, chama a atenção de um aí fala que foi o outro, não compreendem que tem que respeitar o outro, sempre tem que desobedecer não podem aceitar quietos*”.

Sujeito E

Dados Pessoais:

Sexo: F

Idade: 38 anos

Profissão: professora

Tempo de permanência na escola: desde 2003

Disciplina que leciona: ciências

Quantas aulas leciona por semana para 8º série: 3 aulas

Escolaridade: 3º completo

Investigar:

1. - Se conhece ou já ouviu falar sobre o fenômeno: *“Comecei a ler mais não sei bem o que é”*.
2. - O que acha sobre o fenômeno: *“Comum, começa na relação pais e filhos, da degradação marido e mulher, falta de orientação para os filhos, falta de respeito pelos colegas, professores, percebe mais na classe mais baixa, a entrevistada diz que também dá aulas para escolas com nível econômico diferente”*e.
3. - Se identifica situações em que ocorre: *“Percebo agressões dos alunos para os alunos e dos alunos para os professores. A frequência é alta começa com uma bobagem, do tipo sua mãe tá lá esquina vai lá, e vai crescendo, se o professor não interferir fica pior”*.
4. Citar nome e série de alunos que identifica como alvos de bullying:
*“6º série: imaturos, brigam quando um pega um lápis sem pedir, daí chama a mãe de vagabunda, dá um tapinha. Tem a aluna C é chorona.
8º série: é generalizado. Aluno A : ele é nervoso, jogou a cadeira uma vez, de tanto implicarem com ele, os alunos fazem gracinha na intenção de provoca-lo, ficam fazendo graça com seus familiares”*s.
5. - Se tem uma explicação para sua ocorrência: *“É problema familiar”*.
6. - Atitudes e ações tomadas frente ao fenômeno: *“Se houver agressão física separo, pego quem foi atingido e tento conversar, perguntar se está acontecendo algo, mas daí falam que não é nada, emburram , pedem para ir para casa. O professor não tem preparo para estas situações, age por instinto, tentam resolver, não sabe se conversa com os dois, ou com cada um separadamente. Noto que vem aumentando, não sei se é fator social. Aumentou em relação aos professores. Fui criada em um época que não se respondia aos professores”*.

Sujeito F

Dados Pessoais:

Sexo: M

Idade: 35 anos

Profissão: professor

Tempo de permanência na escola: 10 meses

Disciplina que leciona: educação artística

Quantas aulas leciona por semana para 8º série: 1 aula

Escolaridade: Superior incompleto

Investigar:

1. - Se conhece ou já ouviu falar sobre o fenômeno: “*Não*”
2. - O que acha sobre o fenômeno: “*Na sala de aula tem muito, mas tirar sarro da cara de um com outro é coisa de adolescente, considero eles agressivos no sentido de gritarem muito. Não percebo agressividade verbal entre eles, mas problema de comportamento, de falta de estrutura social*”.
3. - Se identifica situações em que ocorre: “*Tenho pouco contato com o grupo, mas percebo que tem um grupo e se comunica melhor, bem e não se misturam, é restrito e tem outro que não assume posicionamentos. Existe um embate entre eles. Um faz graça com outro, o ativo com o passivo. O grupo passivo é o feminino e o ativo o masculino.*”
4. – Citar nome e a série de alunos que identifica como alvos de bullying: “*Tinha um aluno tiravam sarro, porque morava na zona rural, mas ele abandonou a escola*”.
5. - Se tem uma explicação para sua ocorrência: “*Falta de estrutura familiar, falta de referencia sobre sociedade, não conseguem dialogar, ficam distante um do mundo do outro. Tem que levar em conta a questão do bairro que estão*”.
6. - Atitudes e ações tomadas frente ao fenômeno. “*Faço intervenção direta, chamo a atenção, se deixar os alunos manipulam a aula o tempo inteiro*”.

Sujeito G

Dados Pessoais:

Sexo: F

Idade: 44 anos

Profissão: professora

Tempo de permanência na escola: desde 1989

Disciplina que leciona: português

Quantas aulas leciona por semana para 8º série: 6 aulas

Escolaridade: mestrado em lingüística

Investigar:

1. - Se conhece ou já ouviu falar sobre o fenômeno: “Não”
2. - O que acha sobre o fenômeno: *“Acredito que o fenômeno é consequência da violência generalizada que se instalou na sociedade, pessoas não conversam mais, qualquer coisa é motivo para revidar, agredir, é na lei do “olho por olho dente por dente”, reflexo das relações sociais. Falta de educação generalizada, de respeito, de berço. Em casa pai briga com a mãe e isso quando tem pai, ou mãe”.*
3. - Se identifica situações em que ocorre: *“É muito freqüente, no dia a dia, nos diálogos estão presentes humilhações, apelidos, chamam uma que é magra de Olívia Palito, outra que é gorda de baleia. Há muita troca de ofensas e de agressões verbais”.*
4. - Citar nome e a série de alunos que identifica como alvos de bullying:
6º série:
“Aluna C: desorganizada, violenta, daí mexem com ela, isto se dá devido a família, apanha demais. Aluna B: tem dificuldade de aprender”.
5. - Se tem uma explicação para sua ocorrência: *Reflexo das relações sociais dos sujeitos fora da escola, em casa, em clubes, pessoas não dialogam mais, não usam de argumentos para chegar em um consenso, resolvem com conflitos agressões, nunca com o dialogo. É consequência da desestruturação familiar, mulher bate no filho, no marido, não quer saber de criar o filho. Os alunos não são organizados, não sabem nem se sentar em sala de aula.*
6. - Atitudes e ações tomadas frente ao fenômeno. *Tento intervir, se for agressão física separo, às vezes até me sobram tapas. Tento conversar com eles, como converso com meus filhos. Tento educar.*

ANEXO E: Transcrição das entrevistas com os alunos

Sujeito A

Dados pessoais

Data de nascimento: 21/12/1990

Idade: 14 anos

Sexo: M

Escolaridade: 8º série

Repetição de alguma série? Qual? Não

Abandonou os estudos alguma vez? Motivo? Não

Bairro: o mesmo em que se situa a escola

Data de entrada na escola: Em 2005

Religião: não tem

Composição familiar: Pai, mãe, irmão (7a), irmã (13a).

Investigar:

1. - Rotina escolar e familiar: Pela manhã: *vou para escola*. À tarde: *“fico em casa, arrumo a casa”*. Fins de semana: *“no sábado trabalho com meu pai, a gente passeia pouco, fica mais em casa Tenho poucos amigos no bairro, não gosto de brincar porque brincar demais dá briga”*.
2. - Relações familiares: Tem um bom relacionamento com a família: *“mais abertura com meu pai. De vez em quando brigo com meu irmão, pois ele fica me xingando, eu não gosto de palavrão, daí revido”*.
3. - Relações na escola com alunos, professores, funcionários: Considera boa sua relação com todos: *nunca tive atritos*. Na escola gosta: *“dos colegas”*, sua turma é formada por 4 amigos. *“Tenho facilidade para enturmar, tenho um número méido de amigos”*. Não gosta: *“de bagunça, de desrespeito, como por exemplo quando um professor fala com aluno, e ele responde”*. Reage: *“Daí fico calado porque não gosto”*.
4. - Representação de si próprio (como se vê, como se auto-define, quais seriam as características marcantes, defeitos e qualidades etc.): Sua característica marcante: *“o respeito pelo outro”*. Sua qualidade: *“estudar”*, e um defeito: *“ser briguento, nessa escola nunca briguei, mas na outra sim”*. Considera-se mais tímido.
5. - Representação que os outros tem de si (familiares e a escola):
Familiares: *“quieto, não pede nada”*.
Professores: *quieto dentro da sala e estudioso*.
Colegas: *“baguncento”*.

6. - Situações de discriminação (como as relata e as descreve, como reage a estas situações, que aspectos da vida são afetados por estas relações): “*Nunca*”, acha que não reagiria.
7. - Sexualidade/ afetividade (já gostou, apaixonou- se por alguém, já ficou, namorou, já levou um “ fora”, como foi): “*Nunca namorei, já gostei e gosto de alguém, já fiquei, nunca levei um fora*”.

Sujeito B

Dados pessoais

Data de nascimento: 08/07/1993

Idade: 12 anos

Sexo: F

Escolaridade: 6º série

Repetição de alguma série? Qual? Não

Abandonou os estudos alguma vez? Motivo? Não

Bairro: o mesmo em que se situa a escola

Data de entrada na escola: Desde a 1º série do Ensino Fundamental

Religião: Católica

Composição familiar: avó

Investigar:

1. - Rotina escolar e familiar: Pela manhã: vou para a escola. À tarde: “*fico em casa, assisto televisão, tem dia que arrumo a casa*”. Nos finais de semana: “*passeio no Shopping com minhas amigas no final de semana*”, as do bairro, disse que tem muitas amigas.
2. - Relações familiares: “*Minha mãe mudou para Portugal tem pouco tempo, não tenho irmãos. Me dou muito bem com minha avó*”.
3. - Relações na escola com alunos, professores, funcionários: “*Já tive atritos com alguns colegas, teve alguns que já briguei, porque ficavam me xingando, falavam mal de minha mãe. Com os professores também já tive alguns atritos, um gritou comigo, aí eu gritei também. Nunca tive atrito com os funcionários. Tenho muitas amigas na escola, mais de 10*”. Considera a escola chata: “*não gosto de nada, principalmente de levar sermão dos professores*”. Às vezes gosto de ficar conversando.
4. - Representação de si próprio (como se vê, como se auto-define, quais seriam as características marcantes, defeitos e qualidades etc.): Teve muita dificuldade de responder, disse que não sabia, pediu dicas, no final depois de responder a questão 5 falou: “*sei lá acho que bonita*”. Disse que a avó diria que seu defeito é: “*ser muito vergonhosa*”. Considera-se mais extrovertida
5. - Representação que os outros tem de si (familiares e a escola):
A avó: “*amiga, engraçada*”. Antes perguntou se era para dizer o que achavam de bom, disse que poderia ser.
Alunos: *meninas legal, meninos odeiam, porque eles ficam me xingando*”.
Professores: “*ruim de nota*”.
6. - Situações de discriminação (como as relata e as descreve, como reage a estas situações, que aspectos da vida são afetados por estas relações): “*Senti discriminada e excluída só uma vez, foi só por um*

momento, quando minha mãe foi embora. Daí os colegas ficaram me enchendo o saco. Dai xingo também”.

7. - Sexualidade/ afetividade (já gostou, apaixonou- se por alguém, já ficou, namorou, já levou um “ fora”, como foi): *“Não”.*

Sujeito C

Dados pessoais

Data de nascimento: 07/11/1991

Idade: 14 anos

Sexo: F

Escolaridade: 6° série

Repetição de alguma série? Qual? Sim, na 5° série repetiu uma vez. Repetiu devido notas baixas, não copiava e fazia bagunça.

Abandonou os estudos alguma vez? Motivo? Não

Bairro: o mesmo em que se situa a escola

Data de entrada na escola: Desde a 3° série

Religião: evangélica

Composição familiar: mãe, pai, irmão (22a), irmão (21a).

Investigar:

1. - Rotina escolar e familiar: Pela manhã: vou para a escola. À tarde: *“fico na casa da minha avó, costuma dormir a tarde e ver televisão”.* No fim da tarde sua mãe lhe busca. *“Vou para a igreja aos Domingos e Quinta feiras”.* Nos fins de semana: *“gosto de nadar, mas minha piscina, das de plástico furou. Tenho poucos amigos no bairro, brinco só com uma, gosto de andar de bicicleta”.*
2. - Relações familiares: Discuto com meus irmãos por causa da televisão. *“Meus pais discutem muito, começam a brigar já cedo. De vez em quando brigo com meu pai, que fica me enchendo o saco por causa de roupas, dizendo que não vai me dar óculos novo, ou o celular igual ao dele e do meu irmão que tira foto”.*
3. - Relações na escola com alunos, professores, funcionários: *“Nunca tive atritos com professores e funcionários. Já briguei com os alunos, porque eles me enchem o saco por causa do óculos”.* O que mais gosta na escola é da bagunça, e ver filmes, ou ficar no parque. *“Tenho poucas amigas, apenas duas, a gente gosta de ficar conversando no banheiro, fazendo bagunça. Não gosto de apanhar na escola, algumas meninas ficam me ameaçando, apanho por causa do óculos, os colegas ficam me xingando de ‘quatro olho’, ‘olho de boi’.* Não falei com os professores, pois não adianta, não fazem nada”, falou com seu pai que falou com a direção: *“mas não adiantou nada”.* Disse que vai trocar de óculos, por um menor.
4. - Representação de si próprio (como se vê, como se auto-define, quais seriam as características marcantes, defeitos e qualidades etc.): Característica marcante: *magra e uso óculos.* Considera-se mais tímida. Sua qualidade: *“saber falar a língua dos surdo-mudos”*, disse que aprendeu vendo na televisão. Um defeito: *“não sei”.*
5. - Representação que os outros tem de si (familiares e a escola):
Professores: *“baguncenta e ruim de matéria”.*
Família: *“burra e retardada”* (o pai pensa isto).

6. - Situações de discriminação (como as relata e as descreve, como reage a estas situações, que aspectos da vida são afetados por estas relações): Vive situações de discriminação: *“acho por causa dos óculos”*. Reage: *“discutindo, às vezes também bato”*.
7. - Sexualidade/ afetividade (já gostou, apaixonou- se por alguém, já ficou, namorou, já levou um “ fora”, como foi): *“Já tive namorado, já me apaixonou, e já levei um fora uma vez”*.

Sujeito D

Dados pessoais

Data de nascimento: 15/12/1993

Idade: 11 anos

Sexo: M

Escolaridade: 6º série

Repetição de alguma série? Qual? Não

Abandonou os estudos alguma vez? Motivo? Não

Bairro: o mesmo em que se situa a escola

Data de entrada na escola: Desde a 3ª série do Ensino Fundamental

Religião: evangélico

Composição familiar: pai, mãe, irmão (20a), irmão (16a), irmã (15a), irmão(10a).

Investigar:

1. - Rotina escolar e familiar: Pela: *“vou para a escola”*. *“À tarde: trabalho arrumando a casa para minha mãe, brinco e assisto televisão. Não tenho amigos no bairro”*.
2. - Relações familiares: *“Do bem com todo mundo, não tem briga. Todos têm a mesma liberdade”*.
3. - Relações na escola com alunos, professores, funcionários: Nunca tive atritos na escola. Tenho poucos amigos. Na escola gosta: *“de estudar”*; e não gosta: *“de ser reprovado”*.
4. - Representação de si próprio (como se vê, como se auto-define, quais seriam as características marcantes, defeitos e qualidades etc.): Característica marcante: *“ser calado”*.
5. - Representação que os outros tem de si (familiares e a escola):
Professores: *“não briga, não fala nada, tem notas ruins, brinca só no recreio”*. (perguntei do que brinca, respondeu: *de bater um nos outros*).
Em casa: *“a professora não chama a atenção”*.
6. - Situações de discriminação (como as relata e as descreve, como reage a estas situações, que aspectos da vida são afetados por estas relações): *“Já senti discriminado pelos colegas, que fazem brincadeiras, e pelo grupo que fiz um trabalho, eles falaram que eu não fiz nada, não participei, me culparam”*. Reagiu: *“Me defendi, disse que não era eu, e deu um murro em um colega”*.
7. - Sexualidade/ afetividade (já gostou, apaixonou- se por alguém, já ficou, namorou, já levou um “ fora”, como foi): *“Nunca”*.